MENSÁRIO DO NORTE
DO DISTRITO DE LEIRIA

JORNAL de FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ANO XIV • 164 • OUTUBRO DE 1995 DIRECTOR — ANTÓNIO MENDES ANTUNES DIRECTOR-ADJUNTO — CARLOS MARTINHO SIMÕES PREÇO 100$00

VISEU
TAXA PAGA

EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS

REUNIÃO DO GOVERNADOR CIVIL COM OS PRESIDENTES DOS MUNICÍPIOS DO DISTRITO

Os Presidentes de Câmara do Distrito de Leiria reuniram-se no dia 13 deste mês em Figueiró dos Vinhos. Reunião a que presidiu, como habitualmente, o governador civil, Francisco Coutinho.

Da ordem de trabalhos, o funcionamento e horário dos estabelecimentos comerciais e o novo Regulamento Policial do Distrito foram os dois Pontos em análise. Relativamente ao primeiro, aponta-se para a Liberalização de horários de funcionamento, incluindo sábados e domingos, embora as posições não sejam coincidentes em todos os Concelhos. Este é um assunto que, em futuras reuniões, deverá continuar a merecer a atenção dos Autarcas de forma a ser tomada uma eventual posição unânime. O novo Regulamento Policial do Distrito, que se encontra em aprovação, mereceu, igualmente, a atenção dos edis. Os autarcas manifestaram apoio a uma medida que tem a haver com a Liberalização dos jogos lícitos como a sueca e a bisca. Jogos que já se encontram liberalizados noutros Distritos, que não o de Leiria.

Na reunião os líderes dos executivos presentes reconheceram ainda o mérito do trabalho desenvolvido pela directora de Estradas do Distrito, Engª Maria de Jesus.

Por outro lado, os Presidentes de Câmara congratulam-se com o trabalho, colaboração e dedicação que foram sempre manifestadas pelo Governador Civil de Leiria, no decurso do seu mandato.

Recorde-se que esta reunião foi a última com a presença de Francisco Coutinho. Por este facto, os Edis aproveitaram a ocasião para lhe oferecerem uma salva de prata. Um reconhecimento público no adeus ao governador.

Estas reuniões realizam-se periodicamente nos diversos Concelhos e são consideradas frutíferas, não só para quem nelas participa, mas também para o próprio Distrito, pois, no decurso dos últimos quatro anos alguns, problemas ali foram equacionados e posteriormente resolvidos.

PEREGRINAÇÃO A ISRAEL (2)

CRÓNICA DA VIAGEM

O Grupo de Peregrinos que integrou a viagem a Israel, desde Figueiró dos Vinhos

O segundo dia foi preenchido em grande parte pela visita à cidade antiga de Jerusalém.

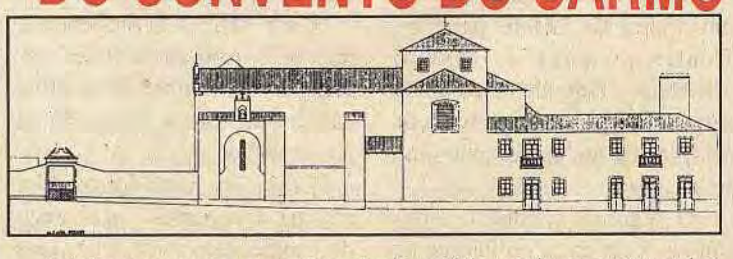
Liturgicamente era o dia da Natividade de Nossa Senhora. Começamos a nossa viagem cantando-Lhe os parabéns e, por feliz coincidência, quase logo no início do percurso visitamos a Igreja de Santa Ana, construída no local onde Nossa Senhora terá nascido. Como estávamos ali, e numa igreja com condições acústicas de ressonância extraordinárias, quisemos fazer experiência cantando o Avé de Fátima. Quando nos demos conta estavam outros grupos de peregrinos estrangeiros a cantar connosco e até um frade franciscano acompanhava já a melodia no órgão. Maria une os cristãos e Fátima é realmente Altar do Mundo!

Uma visita rápida às ruínas da Piscina Probática para recordar o milagre da cura do paralítico e eis-nos nas ruas estreitas e tortuosas que constituem a Vila Dolorosa, por onde Jesus carregou a cruz a caminho do Calvário. Por entre as solicitações dos comerciantes árabes, que procuram vender as mais variadas mercadorias, fomos tentando, o melhor possível, meditar os passos da Via Sacra, até chegarmos ao fulcro da nossa peregrinação - a Basílica do Santo Sepulcro — o ponto mais sagrado do mundo para o cristianismo.

Desde o início dos tempos cristãos este foi o local mais visitado e venerado por todos os

Cont. na Pág. 5

RESTAURO DO CONVENTO DO CARMO



Julgávamos poder nesta data dar já notícias mais concretas sobre as obras de restauro do Convento, mas não é ainda possível. As propostas estão a ser analisadas para depois se poder fazer a adjudicação, o que, esperamos venha a acontecer dentro de dias.

Podemos entretanto fazer um pouco do historial dos trabalhos feitos até agora.

O projecto é da autoria do Arquitecto Luís Quaresma Ferreira, filho de figueiroense e que aqui tem grande parte da sua família. Quando foi convidado para este trabalho aceitou com entusiasmo e nele tem posto todo o seu empenho, para que o restauro seja digno da história do edifício e assim valorize a terra que tem como sua.

É agora necessário que todos os amigos de Figueiró dos Vinhos e do seu Convento se decidam também com, pelo menos, o mesmo entusiasmo, para que o sonho se torne realidade.

Damos notícia de mais algumas ofertas que espontaneamente nos têm chegado.

D. Maria José Tadeu	10.000$00
Anónima	5.000$00
Manuel Teixeira	5.000$00
Anónima	5.000$00
D. Maria Augusta Godinho Silveiro	2.500$00
D. Laura Conceição Silva Folhadela Melo	2.500$00
Anónima	5.000$00
Anónima	2.000$00

SOBRE AS GUERRAS COLONIAIS

Por ***Luís de Matos***

Dissertar sobre o colonialismo português, particularmente no que se refere ao período coincidente com o das lutas armadas, entre 1961 e 1975, ainda é, de facto, uma tarefa difícil. Ainda assim a vamos enfrentar, com perfeita consciência das dificuldades.

Vamos evitar abordar o tema com generalizações apressadas ou afirmações facilmente contestáveis, que poderão até traír, profundamente, o desejo de ajudar a mostrar a verdade.

Interessa-nos, sobretudo, analisar a sucessão de crises que levou ao fim do Império Português, não numa perspectivâ demagógica ou delirante, mas sim o mais real possível, que integre as suas lacunas, as suas limitações e os seus sofrimentos.

Os mais jovens, a quem este humilde trabalho é muito especialmente dedicado, ainda que, talvez, mais conhecedores dos actuais problemas africanos, do que seus pais e avós, ignoram, na sua maioria, o que os Portugueses de outrora, com a sua presença, praticaram de bom

Cont. na Pág. 18

SINISTRALIDADE RODOVIÁRIA

Até 31 de Agosto de 1995 atingimos no distrito de Leiria os seguintes valores, desde 01 Janeiro 95:

— ACIDENTES DE VIAÇÃO	5.444
— FERIDOS NOS AC. DE VIAÇÃO	3.765
— MORTOS NOS AC. DE VIAÇÃO	118

Cont. na Pág. 9

DESPORTOS

CAMPEONATO DISTRITAL DA DIVISÃO DE HONRA

O início do campeonato da Divisão de Honra iniciou-se, como referimos em anterior edição, no dia 8 deste mês, com a Associação Desportiva de Figueiró dos Vinhos a deslocar-se ao Campo Albano Tomé Feteira, em Vieira de Leiria, para defrontar a equipa da casa, o Vieirense. Um encontro nada satisfatório para as aspirações da Desportiva ao perder por uma bola a zero.

O segundo encontro disputou-se já em casa, no Parque de Jogos de Fig. Vinhos. Um jogo que opôs a Desportiva ao União da Serra e de que se esperava um rectificar do jogo inaugural. Um empate acabou por ser o resultado final num jogo em que a turma de Fernando Silva poderia ter vencido dadas as oportunidades criadas ao longo do encontro.

Uma derrota e um empate nos dois primeiros jogos levam-nos a dizer que a Desportiva não entrou com o pé direito na época 95/96.

Dois jogos. Uma derrota. Um empate. Um ponto. Um começo de campeonato nada feliz, mas que o tempo se poderá encarregar de rectificar.

PRÓXIMAS JORNADAS:

3ª Jornada (29/10/95)

22 Junho-Amor - Alvaiázere
Estrada - Fig. Vinhos
União Serra - Mirense
Vieirense - Praia da Vieira
Alq. Serra - Caranguejeira
Batalha - Lª Marinha
Alcobaça - Bombarralense
Bidoeirense - Gaeirense

4ª Jornada (05/11/95)

Alvaiázere - Bidoeirense
Fig. Vinhos - 22 Junho-Amor
Mirense - Estrada
Praia da Vieira - União Serra
Caranguejeira - Vieirense
Lª Marinha - Alq. Serra
Bombarralense - Batalha
Gaeirense - Alcobaça

CLASSIFICAÇÃO APÓS 2 JORNADAS:

	J	V	E	D	F-C	P
Bidoeirense	2	2	0	0	7-1	6
Estrada	2	2	0	0	3-1	6
Batalha	2	1	1	0	4-2	4
P. Vieira	2	1	1	0	4-2	4
Vieirense	2	1	1	0	1-0	4
L. Marinha	2	1	0	1	6-2	3
Gaeirense	2	1	0	1	1-1	3
Alq. Serra	2	1	0	1	2-3	3
Bombarralen.	2	1	0	1	1-3	3
Alcobaça	2	1	0	1	2-6	3
União Serra	2	0	2	0	1-1	2
Alvaiázere	2	0	1	1	1-2	1
Mirense	2	0	1	1	1-2	1
Fig. Vinhos	2	0	1	1	0-1	1
Caranguej.	2	0	0	2	0-3	0
22/Jun/Amor	2	0	0	2	2-6	0

Jornal de
FIGUEIRÓDOS VINHOS
MENSÁRIO DO NORTE DO DISTRITO DE LEIRIA
Fundado em Janeiro de 1982

Associação de Imprensa de Inspiração Cristã

Redacção e Administração:
Travessa do Jasmineiro,14
3260 Figueiró dos Vinhos
Telef. 52461

Propriedade:
da Fábrica da Igreja Paroquial de Figueiró dos Vinhos
Director:
P. António Mendes Antunes
Director Adjunto:
Carlos Martinho Simões

Colaboradores
Adelaide Leitão;
Alípio Alves Rodrigues
Ana Paula Abreu Mendes
Ana Paula Pinto
António Lopes dos Santos
Carlos David Lopes
Carlos M.S. Silva; Cecília Tojal
Gustavo M.J. Medeiros
Isabel Vaz Belchior
José C. Leitão; José Lopes
José Lopes dos Santos
José M. F. Abreu Avelar
Dr. José Matos de Carvalho
Luís Matos
Dr. Manuel Alves da Piedade
Maria de Lurdes Machado
Engº Rui Manuel Almeida e Silva
Sílvio Rosa Santos
Correspondentes:
Aguda — Mário Mendes
Campelo — Pe. A. Antunes

Pedrógão Grande — Ângelo Teixeira

Agência para Publicidade e Pagamentos:
Biblioteca Municipal (junto ao Jardim de Cima) a cargo de Gustavo Manuel J. Medeiros.
Assinatura anual — 1994 1.000$00
(Pagamento adiantado)
Avulso ..... 100$00
Tiragem 3.000 exemplares
N.B. — Se receber o Jornal de Figueiró dos Vinhos sem o pedir e não quiser ser assinante, devolva-o, entregando-o ao carteiro da sua zona. Se o não fizer até ao 3º número, será considerado assinante.

Fotocomposição e Impressão
NOVELgráfica,Lda
Rua Capitão Salomão, 121/123
Telefs. 411299/414592
Fax 414592 — 3510 Viseu

CAMPEONATO DISTRITAL DA I DIVISÃO

O Campeonato Distrital da I Divisão iniciou-se no dia 8 de Outubro. Dividido em duas Zonas — Norte e Sul — abarca 32 equipas sendo 16 em cada Série. Militam nesta Divisão e na Zona Norte equipas bem conhecidas da nossa Região: Chão de Couce. Avelarense, Pedroguense e Ansião.

CLASSIFICAÇÃO GERAL APÓS A 2ª JORNADA:

	J	V	E	D	F-C	P
Ansião	2	2	0	0	6-1	6
C. Couce	2	2	0	0	4-1	6
Guiense	2	1	1	0	2-0	4
Barracão	1	1	0	0	9-1	3
Arcuda	1	1	0	0	5-0	3
Avelarense	2	1	0	1	6-2	3
Motor Clube	2	1	0	1	5-4	3
Moita Boi	2	1	0	1	5-4	3
Chãs	2	1	0	1	4-3	3
Ramalhais	2	1	0	1	3-2	3
Pelariga	2	1	0	1	2-3	3
Ilha	2	1	0	1	2-4	3
Pedroguense	2	0	1	1	1-9	1
Milagres	2	0	0	2	0-5	0
Várzeas	2	0	0	2	1-8	0
Reg. Pontes	2	0	0	2	0-8	0

PRÓXIMAS JORNADAS:

4ª Jornada (05/11/95)

Ilha - Ansião
Moita Boi - Milagres
Pelariga - Ramalhais
Avelarense - Motor Clube
Pedroguense - Chão Couce
Arcuda - Várzeas
Chãs - Guiense
Regueira Pontes - Barracão

5ª Jornada (12/11/95)

Ilha - Moita Boi
Milagres - Pelariga
Ramalhais - Avelarense
Motor Clube - Pedroguense
Chão Couce - Arcuda
Várzeas - Chãs
Guiense - Regueira Pontes
Ansião - Barracão

TAÇA DISTRITO DE LEIRIA

1ª Eliminatória

A primeira eliminatória da Taça do Distrito disputou-se no passado dia 22 de Outubro com a Associação Desportiva a receber no seu terreno a turma da Pelariga, uma equipa do escalão inferior.

Dividida em duas Zonas: Norte e Sul, a Taça é disputada por 78 equipas. Quarenta na Zona Norte e trinta e oito na Zona Sul.

Outros encontros da 1ª eliminatória:

Outeirense - Castanheira de Pêra
Arcuda - Chão de Couce
Alvaiázere - Mata Mourisca
Várzeas - Pousaflores
Avelarense - Moita Roda
Vieirense - Ansião
Moita Boi - Recreio Pedroguense

Ao fechar esta edição ainda não tínhamos conhecimento dos resultados.

Um desfecho a merecer desenvolvimento na próxima edição.

SENHOR ASSINANTE

Repare na etiqueta do endereço e veja se tem a sua assinatura em dia. Se não, vá lá, procure actualizá-la. Não se esqueça de que o Jornal existe para si e conta consigo.

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS ÉPOCA 95/96

PLANTEL

Guarda-redes: Telmo e Emanuel.
Defesas: Futre, Marçal, Américas, Zé Napoleão, Zé Carlos, Ricardo e Pierrot.
Médios: Tendinha, Tó Alves, Costelas, Rui Forte, João Carlos, Jaime, Laranjas, Simões, João Almeida.
Avançados: Mimi, Paulo Venâncio, Paulo David.
Massagistas: Vasco e Leonel.
Equipa Técnica: Fernando Silva, António Rodrigues.
Chefe Dep. Futebol: António Napoleão.
Roupeiro: Osório Gama.

XADREZ

TORNEIO DE MONTE REAL A. DESPORTIVA OBTEVE O 3º LUGAR

Promovido pela Casa do Povo de Monte Real, decorreu no dia 30 de Setembro, um Torneio de Xadrez integrado na Animação Desportiva e Cultural destas Termas.

Participaram vinte jogadores, tendo o Torneio sido desportivo em sistema suíço com 6 sessões (de 20 minutos).

Luís Ascenso (M. Real) e a equipa do S.O. Marinhense, foram os vencedores, individual e colectivamente.

A Associação Desportiva obteve um bom 3º lugar por equipas, destacando-se ainda o 5º lugar obtido por Álvaro Gonçalves no aspecto individual.

Jogaram ainda pela A. Desportiva, Esmeraldo Lourenço, José Fidalgo, Rui Silva e Pedro Portela.

EM POMBAL

PARTICIPAÇÃO DE FIGUEIRÓ NA II FEIRA NACIONAL DE ARTESANATO

A Extensão Educativa — Ensino Recorrente e Educação Extra Escolar — de FIGUEIRÓ DOS VINHOS, esteve representada na II FEIRA NACIONAL DE ARTESANATO, que decorreu em POMBAL, de 4 a 8 deste mês.

No respectivo pavilhão estiveram, apenas para exposição, trabalhos de alguns alunos e monitores que, gentilmente, dispenderam algumas horas, para, ao vivo, durante a feira, executarem técnicas artesanais pouco vulgares, com vista ao incentivo da sua prática tradicional.

Cumpre-nos agradecer a amabilidade da CONFEITARIA SANTA LUZIA, PADARIA ADELAIDE ROCHA, PASTELARIA PINGO DOCE, PASTELARIA RENATOS e MERCEARIA MANUELA INÁCIO, na oferta de DOCES REGIONAIS, para brindarmos aos convidados e visitantes da Feira.

A responsável Concelhia, agradece também toda a disponibilidade manifestada pela Câmara Municipal, através da cedência do transporte para os trabalhos a expor, bem como a todos aqueles que não se escusaram a esforços para o bom termo desta iniciativa, que dignifica todos aqueles que frequentam os Cursos da Extensão Educativa. Porque se deve a CÉSAR O QUE É DE CÉSAR, aqui ficam sinceros PARABÉNS aos seus dignos representantes.

ALICE FURTADO — AREGA, AMÉLIA VAZ, FÁTIMA FONSECA, JOÃO VIOLA — FIG., LÚCIA ABREU — ALMOFALA e MARIA JOSÉ BRITES de Figueiró.

LEMBRANDO O PASSADO

Por M. Ventura

MOSTEIRO DE SANTA CLARA DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Há uns anos, tive ocasião de visitar a Quinta das Freiras, em Figueiró dos Vinhos. Escrevi nessa altura e neste mesmo ***Jornal de Figueiró dos Vinhos***, que a sua visita é a melhor lição para aprendermos todos — pequenos e grandes — a respeitar o património que os nossos antepassados nos legaram. Uma lição pela negativa.

Segundo consta, a Quinta e o seu Mosteiro foram comprados por um senhor do século passado, pessoa rica, oriunda do Vale do Rio, de nome José Quaresma. A extinção das Ordens Religiosas por decreto do célebre Marquês de Pombal, em 1834, esteve na origem da venda do Mosteiro e da sua degradação. Afinal, isso foi o que aconteceu a quase todos os outros.

A sua destruição deveu-se certamente à incúria ou falta de recursos para as reparações necessárias. E aí está a perda irreparável de um dos melhores testemunhos da grandeza do Figueiró antigo.

Que o Mosteiro das Clarissas de Figueiró não era uma obra de pouco valor, poderá deduzir-se pela azulejaria que ainda se conserva e que certamente revestia toda a igreja e também pelo tamanho da Cerca que tem dimensões apreciáveis, ainda hoje toda rodeada de forte muro.

Deixamos aqui alguns apontamentos sobre este Mosteiro que colhemos na "História Seráfica" de Frei Fernando da Soledade e na "Miscelânea" de Miguel Leitão de Andrade.

Pouco depois que o Rei D. João III pediu ao Papa para Portugal os Padres da Companhia de Jesus, vieram para cá os primeiros: o Padre Mestre Francisco, natural do Reino de Granada e o Padre Simão Rois, português, em Fevereiro do ano de 1541. E logo que eles tiveram Colégio em Coimbra para suas costumadas missões para a conversão das almas, continuaram na Vila de Figueiró dos Vinhos.

E nela pregavam, confessavam e ensinavam frequentemente a doutrina cristã. Com esses exercícios e com o exemplo da sua vida, faziam notável fruto nas almas dos moradores.

Daqui sucedeu alumiar Deus Nosso Senhor nove mulheres, das principais da Vila, que frequentavam os exercícios destes padres, e com a exortação deles se resolveram em deixar o mundo, tomando vida e nome de Religiosas. E dando conta primeiro deste seu intento ao Padre António Mendes, da Companhia de Jesus, que então residia na nossa vila, e seguindo elas seu conselho, se juntaram todas nove e se foram assim juntas à Igreja de S. João Baptista, matriz da dita Vila. E ali, em presença de todo o Povo, fizeram voto de Religiosas e deram obediência ao Padre Freire Gaspar Banha que então era Prelado da província de S. Francisco.

E feito isto, acompanhadas de todo o povo, se recolheram a uma casinha pobre do já então chamado Fundo da Vila, onde os ditos Padres da Companhia as instruíram, ministrando-lhes o necessário, até que tiveram licença do Papa e do Bispo da Diocese.

Porque os Padres da Companhia não tinham conventos femininos, resolveram-se a viver sob a obediência do padre provinciano da Ordem Terceira de S. Francisco. Rui Mendes de Vasconcelos, senhor da vila de Figueiró e Pedrógão, ofereceu-lhes a torre contigua à praça (onde hoje está a Caixa Geral de Depósitos). Nela se recolheram por o seu número ter aumentado e já não caberem no primeiro domicílio.

Pretendendo formar convento, alcançaram provisão do reio D. João III e breve *do núncio papal, Arcebispo João Sipontino, dado em Lisboa a 26 de Setembro de 1549.*

(Continuará)

A MAGIA DO OUTONO!...

Nem só os poetas e românticos de há cento e tantos anos se mostram sensíveis ao encanto desta paisagem de fim de verão, desta melancolia doirada de Outono que é o entardecer do ano.

Também nos nossos dias, apesar das novas preocupações que invadiram a poesia, apesar do intelectualismo e da interiorização cada vez mais dominantes, também nos nossos dias, apesar de tudo, os poetas sentem o apelo vago e misterioso desta estação e cantam o Outono, o símbolo de vida que ele contem, os matizes delicados que espalha nas paisagens e nas almas.

Embora muitos poetas se sintam inclinados a cantar as delícias da Primavera, por mim dou a primazia ao Outono, a estação das tardes serenas, com os últimos revérberos do sol a emiscuir-se por entre a folhagem, essa folhagem de mil cambiantes de cor onde predominam os tons amarelo-castanho-avermelhado.

As árvores de folha caduca não fogem ao seu destino de, quando chega a altura marcada pelo ciclo eterno das estações, tristemente se despem da sua roupagem, restando os seus braços irtos mas erguidos ao céu em geitos de prece!

O pôr-so-sol no Outono vem envolto em mil fantasias e, basta sentar num penedo, na Serra ou à beira-mar para ouvir a voz do sonho, vinda de distâncias longínquas, a segredar ao nosso ouvido, que um dia eles — esses sonhos — serão uma realidade!...

E a alma queda-se a cismar embalada naquele ar morno da tarde.

O verão foi quente. O sol escaldou. A urze ressequida cheira que é um regalo entre as pedras quentes da serra. E os rios de menor porte, por força da evaporação, são agora apenas fios d´água a arrastar-se pelos bancos de areia ou pela lama estalada pela seca.

Quem diria que neste mesmo momento no Marão já há lareiras acesas!

Ah...!... o Outono!... que magia que ele encerra!...

Dá vontade de vaguear pelas ruas ao sabor do vento e da brisa ou do ar morno da tarde. Sem casa, sem família, sem pão, sem cuidados... Somente livre como um pássaro sem ninho!... A! o Outono! Aos calores de Julho e Agosto, sucedem-se agora dias mais frescos. Há mesmo tardes em que já sabe bem um agasalho. As sombras começam também a alongar-se e, em certos dias, o próprio sol toma uns tons encarniçados de ouro velho que lembram que o Outono já chegou. E em certas regiões as nuvens fazem a sua primeira aparição e, com elas, umas boas bátegas que ensopam tudo e nos fecham em casa para o dia inteiro.

Cada estação lembra um ciclo da nossa própria existência e, assim, o Outono corresponde á penúltima etapa da nossa vida. Ele convida à serenidade, ao amadurecimento da personalidade, das emoções, das ideias, ao perfeito equilíbrio emocional. Ele convida àquele equilíbrio de porte, de gestos, de palavras, de interioridade, de domínio de si mesmo, que transparece cá fora numa serenidade, numa correcção que nada atraiçoa.

Procuremos que o Outono da nossa existência seja assim o reflexo dos valores espirituais, morais e culturais colhidos ao longo da nossa vida e assim, o **"nosso outono"** não terá passado em vão.

O VALOR DA MUDANÇA

Apesar de se pensar que "mudar por mudar" é sempre um risco, chegámos a um tempo em que a mudança pode constituir um valor. Foi o que transpareceu nas eleições.

Poder-se-á afirmar que prevaleceu o sonho, a novidade, o futuro, a inexperiência, a promessa e a esperança, contra a realidade, o conhecido, o passado, o seguro, o eficaz, o realizado e à vista. Mas... prevaleceu ainda o poeta: "Pelo sonho é que vamos".

A sociedade portuguesa ficou encantada com a abertura a outros modos e processos de fazer política, ficou enfeitiçada com a hipótese de um novo respiro nas suas instituições, ficou esperançada em novas equações para os seus problemas sociais. É que nem sempre uma ética de sucesso equivale ao desenvolvimento equilibrado de que tanto se necessita.

Há questões de fundo, que já não são de ontem mas vêm de longe, a necessitar de resposta séria e definitivamente orientadora:

— um projecto de sociedade, ética e socialmente valioso, que a dinamize inteiramente, a partir da juventude;

— uma lógica de ensino, público e privado, com liberdades de opção e escolha e sem dividir injustamente os portugueses;

— uma educação e cultura que façam de cada cidadão um ser feliz equilibrado;

— o escândalo dos aumentos salariais anuais, sempre à base de percentagens, alargando um fosso cada vez mais fundo no leque salarial dos portugueses;

— a injustiça social das pensões de reforma, com mínimos de miséria; etc., etc..

Que os novos governantes, promissores de uma nova ética na política, se mostrem diligentes no traçar medidas básicas que justifiquem que a mudança constituiu mesmo um grande valor.

João Caniço

O OUTONO E A VIDA!...

Eu gosto duma tarde amena e linda
Sem vento agreste, nem letarga dor
Que me traga a doçura e a paz infinoa
Dum sorriso de criança... duma vida em flor!...

Da primavera sover a largos traços
O perfume inebriante das flores...
Olhar o horizonte... estender-lhe os braços
Mergulhar no infinito... admirar as cores!...

Ao ver o pôr-do-sol... fulgor intenso
Mergulhar em poentes de cristal
Quedo-me a admirar o poder imenso
Na beleza do espaço sideral!...

Comparo então o pôr-do-sol à estação
Que torna o ar suave e o enlevo infindo
E exclamo em extática emoção:
— O Outono é lindo!...

Porém,
Ao ver as folhas cair, uma a uma
Eu comparo o Outono à vida minha
E então, rezo, baixinho, em tom de bruma:

Senhor!
Que esta vida que ora é declinar
Seja sempre o esforço resoluto e firme
No desejo, constante, de t'E amar!...

Cecília Tojal

VIDA DO JORNAL

Para pagamento de assinaturas recebemos as seguintes importâncias, que agradecemos:

5.000$00 — Maria Helena Sousa Carvalho - Famões

3.380$00 — Adriano Nunes Cortês Simões - França

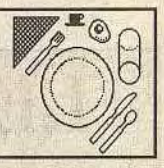
2.750$00 — Isaura Conceição Godinho - Moscavide

2.000$00 — Carlos Alberto Simões Júlio - Paço de Arco
Domingos Conceição Pereira - Catujal
Fernando Manuel Martins Dias — França
João Carlos Ângelo Lopes — V.de Leiria
João Jesus António — Casal de Alge
Mário Teixeira Gomes Simões — Aguda
Rui Miguel Oliveira — Amadora

1.500$00 — António Rico Sarmento — Lisboa
Mário Henriques Santos - Lisboa
Porfírio Santos Coelho — Damaia
Vitor Manuel Loja Rodrigues — Coimbra

1.000$00 — Abílio Conceição Assunção — França
Acácio Mendes Santos — Ribeira Velha
Adamastor Ventura Santos — Fig. dos Vinhos
Agostinho Jesus Dias — Casal de Alge
António Alves — Arega
Armando Pais Costa — Alvito
Aurélio Patrício Parracho — Figueiró dos Vinhos
Auzíria Emília Rosa — Lisboa
Delmira Inês Libório Mieira — Amadora
Fernando Silva Coelho — França
Fernando Silva Simões — Bairradas
Francisco Ferreira Veras — França
Floripes Assunção Silva — Figueiró dos Vinhos
Jaime Fernandes — Figueiró dos Vinhos
Jaime Rosa Santos — Lisboa
Joaquim Dias Santos — Lisboa
Joaquim Pereira Graça — França
Jorge Manuel Dias Fonseca — Lisboa
Jorge Manuel Santos Relvas — Feijó
José Almeida Fernandes — França
José Conceição Relvas — Campelo
José Manuel Ribeira Santos — Bons Dias
Arq. Luís Quaresma Ferreira — Lisboa
Manuel Antunes Valinhos Junior — Foz de Alge
Manuel Conceição Rosa — França
Manuel Lopes Bruno — Lisboa
Manuel Lourenço Junior — Lisboa
Manuel Vinhas Henriques — S. João da Talha
Marcolino Pais Costa — Carapinha
Maria Conceição Ferreira — Aguda
Maria Helena Pais Costa — Carapinhal
Ourivesaria Gaspar — Fig. Vinhos
Valentina Conceição Mendes — Cacém

Culinária



Empada de Perdiz

PARA A MASSA:
250 g de farinha
100 de manteiga
1 colher (chá) de sal

PARA O RECHEIO:
2 perdizes assadas 600 grs. cada uma
100 g. de cogumelos
salsa
300 g de carne picada (vitela)
2 ovos
Uma colher de (chá) de sal
1 dl de natas
1 pitada de pimentão
1 pitada de gengibre em pó
farinha para a mesa de trabalho

Prepare uma massa com a farinha a manteiga o sal e o ovo. Tape-a e deixe-a repousar no frigorífico até que o recheio esteja pronto. Tire as peles às perdizes e desosse-as tire os peitos inteiros e pique o resto.

Lave os cogumelos e seque-os.

Pique a carne das perdizes os cogumelos e em seguida misture o picado com a carne picada, 1 ovo e sal as natas o pimentão e o gengibre.

Tempere generosamente.

Aqueça o forno á temperatura de 200º.

Divida a massa em 2 partes e estenda-a com o rolo formando 2 rectângulos sobre a mesa enfarinhada.

Ponha sobre um a metade do recheio coloque em cima os peitos e em seguida a outra metade do recheio. Cubra com o resto da massa e feche bem as bordas pressionando-as. Pincele a superfície com ovo batido e espete várias vezes a empada com um garfo .

Ponha-a na parte inferior do forno durante 45 minutos.

Com os melhores cumprimentos

VÓVÓ (DU)

ALUGAM-SE
Dois apartamentos de grande qualidade e duas lojas, no prédio de António Coelho Nunes, na estrada de Pedrogão Grande, em Figueiró dos Vinhos.
Trata: - A. Lopes Santos - Tel. 52633

TERRENO VENDE-SE
NO BAIRRÃO
Terra de semeadura com oliveiras e parte de eucaliptos junto à Capela do Bairrão
Tratar com Edite Mendes - Bairrão
Tel. 52423(036)

VENDE-SE
CASA DE HABITAÇÃO, EM VILAS DE PEDRO-CAMPELO, JUNTO À CAPELA.
1º ANDAR, COM 3 QUARTOS, SALA, COZINHA, LOJA E BARRACÕES ANEXOS.
Contactar pelos Telefones: 01/ 9371959 • 036/46162

ANTÓNIO COELHO
Comércio e Representações
Stand
Pedrógão Grande
Zona Industrial
Tel./Fax 036 - 46386
Telemóvel 0931 - 351739

Figueiró dos Vinhos
Telef. 036 - 52535
Resid. - 036 - 50395

Viaturas usadas e semi-novas, todas as marcas.
Com garantia

ESTÃO AO SEU DISPÔR NO STAND EM PEDRÓGÃO GRANDE

CLUBE DE VÍDEO CARDOSO

• REPORTAGENS
— Reuniões
— Casamentos/Baptizados
— Festas/Apresentações
— Passagens de modelos, etc.

• SERVIÇOS COM SONORIZAÇÃO E TÍTULOS
— Conversão de filmes 16 mm para VHS, BETA e VIDEO 8
— Conversão de filme 8 e super 8 mm para VHS, BETA e VIDEO 8
— Conversão de slides para VHS, BETA e VIDEO 8
— Conversão de fotos para VHS, BETA e VIDEO 8
— Cópias de e para VHS, BETA e VIDEO 8
— Conversão de NTSC e Secam para PAL (trabalho amador)

• **Centenas de filmes de todos os géneros, originais, selados e legendados em português:**
aventuras, suspense, terror, dramas, romances, desenhos animados, policiais, Westerns, artes marciais, comédias, musicais, acção, etc.,
NOVIDADES LANÇADAS TODOS OS MESES

TELEF. P.P. 52310 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PEREGRINAÇÃO A ISRAEL (2)

CRÓNICA DA VIAGEM

Cont. da 1ª Pág.

que peregrinam a Jerusalém.

A Senhora das Dores no Calvário. Imagem oferecida pelo Rei Português D. Manuel II

Por isso em 135 o imperador Adriano, querendo apagar toda a lembrança de Jesus Cristo mandou destruir o Túmulo, e erigir ali um templo a Júpiter como fez também na Gruta do Nascimento em Belém. Este acto hostil teve um efeito contrário, pois assim deixou bem determinado o lugar exacto. Em 326 S. Helena mandou construir ali a primeira basílica que, como todas as outras foi demolida pelos persas. Reconstruída, de novo foi demolida pelos muçulmanos. E este foi o facto que motivou as Cruzadas, que promoveram a construção da actual em 1149.

Aqui ficam os dois locais mais importantes para a fé cristã: — a Rocha do Calvário, onde esteve fixada a Cruz em que Cristo morreu e o SEPULCRO, onde a morte foi vencida pela Vida.

"Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa fé" diz S. Paulo.

Sem este Sepulcro vazio (porque "Ele não está aqui, ressuscitou"), de nada valia a vida do homem.

Ali, ao lado da Rocha do Calvário, uma presença portuguesa: — uma imagem de Nossa Senhora das Dores, — oferecida pelo nosso último rei, D. Manuel II.

Numa capela da Basílica celebramos a Missa da Ressurreição.

O Monte Moriá ou Monte do Templo, é outro local com bastantes referências bíblicas, importante para judeus, muçulmanos e cristãos. Ali foi construído o Grande Templo de Jerusalém, centro do culto judaico durante séculos e onde encontramos com frequência a presença de Jesus. Dali, dizem os muçulmanos subiu ao céu o profeta Maomé.

Destruído o Templo no ano 70, segundo a predição de Jesus, séculos mais tarde ali foram construídas duas das maiores e mais belas mesquitas do mundo.

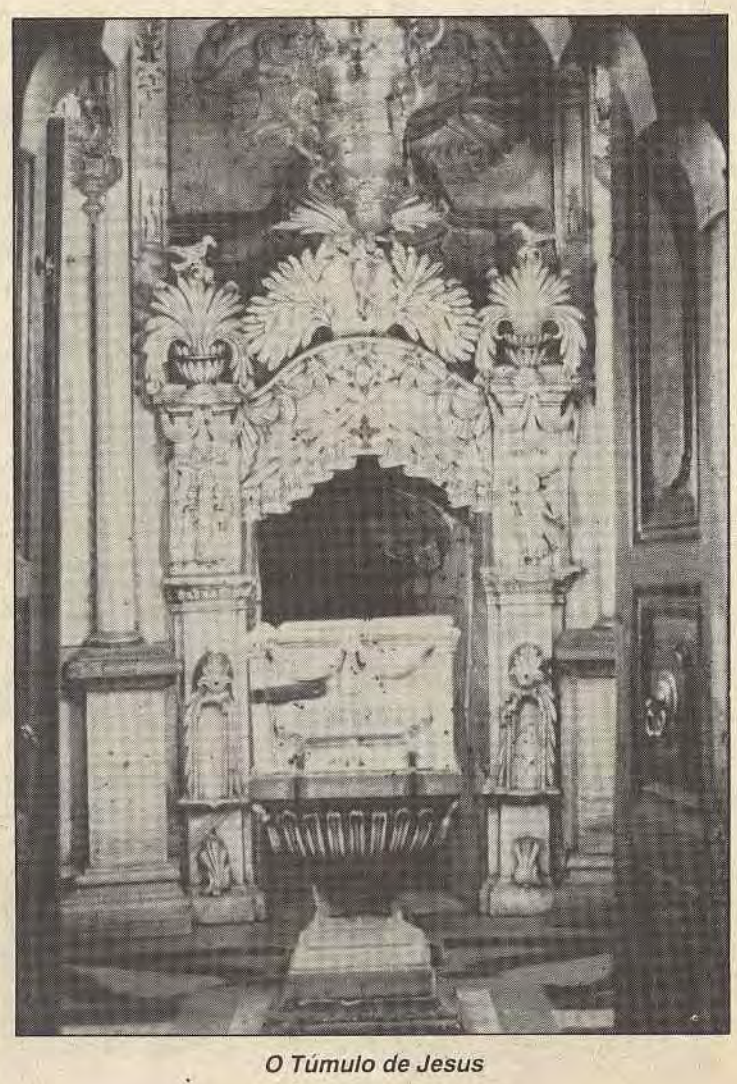
Para visitar o Grande Templo de Jerusalém, a Alexandra teve de vestir a saia que se vê, sem alternativa

Para as podermos visitar outro remédio não tivemos senão descalçar os sapatos e a Alexandra vestir uma enorme saia de alpaca, porque a que levava não cobria totalmente os joelhos.

Destruído o Templo e construídas as mesquitas o Monte Moriá ficou profando para os judeus. Daí o transformarem o Muro das Lamentações em local onde vêm fazer a sua oração. Aí os fomos encontrar, homens dum lado e mulheres do outro, a balançar o corpo enquanto recitam frases do Pentateuco.

Vem aqui a propósito uma referência à variedade dos trajes. Sendo Jerusalém uma cidade cosmopolita no aspecto religioso, com judeus, árabes e cristãos de várias confissões, podemos dizer que é uma verdadeira passarela de modelos, onde sobressaem os diferentes modos de vestir dos judeus, principalmente quando ao sábado se dirigem para a sinagoga, conforme o grau de prática religiosa em que cada um se pretende colocar.

Uma das preocupações do povo judeu ao longo da sua história foi manter a consciência de Povo, e uma das maneiras de o fazer, tem sido lembrar e vingar os seus mártires duma maneira que eu chamaria pacífica e agressiva ao mesmo tempo. Foi assim em Massada, (que não visitamos), transformada em santuário de homenagem aos auto-imolados resistentes do ano 70 da nossa era e é assim hoje. Seis chamas junto ao Muro das Lamentações homenageam os 6.000.000 de judeus mortos na perseguição nazi e uma sala do Museu do Holocausto perpetua a memória das crianças vítimas da mesma perseguição. Ali, o arquitecto Moshe Safdie, com penas seis velas e algumas centenas de pequenos espelhos em diversas posições, consegue projectar no espaço escuro da sala subterrânea 1.600.000 estrelas brilhantes, tantas quantas as crianças massacradas, enquanto os seus nomes e idade vão sendo anunciados pausadamente. Saímos de lá verdadeiramente esmagados, mas logo cá fora encontramos um enorme bosque onde cada árvore tem a seu pé o nome alguém que ajudou os judeus nessa perseguição. Ali está o nome de um português, Aristides de Sousa Mendes, embaixador de Portugal em Marselha que permitiu a fuga a 30.000 judeus mediante a passagem de passaportes falsos.



O Túmulo de Jesus

E fomos terminar o dia em Ein-Karem, onde Nossa Senhora foi visitar sua prima Santa Isabel e onde nasceu S. João Baptista. Aldeia pequena no meio de uma verdura luxuriante e com belos panoramas, onde apetecia ficar a descansar, pois mais uma vez o calor nos tinha tirado as forças.

Uma das dificuldades que algumas pessoas punham a impedir a sua ida a Israel era o da segurança. De facto com frequência ouvimos notícias de atentados sarrafuscas entre judeus e os povos vizinhos. Já referi as exigências da fiscalização no aeroporto. Em Jerusalém em todo o percurso nunca tivemos a mínima sensação de perigo. Por toda a parte, é verdade, encontramos soldados, rapazes e raparigas, com a sua metralhadora nas mãos com a mesma naturalidade como os nossos polícias trazem no cinto o seu cassetete. Em alguns sítios de maior risco há postos de controlo de quem passa, mas tudo com tal naturalidade que quase nem damos por isso.

No muro das Lamentações

Se em algum sítio há previsão de algum risco, naturalmente não levam lá os turistas, como nos aconteceu em Betânia, onde não fomos.

(continua)

A ALDEIA DOS MACACOS

No dia em que, na Aldeia dos Macacos, foi destronado o velho e rezingão tiranete, o Macacão, quase todos respiraram de alívio.

E não foi motivo para menos. De facto, o Macacão, por mercê de uma particular fidelidade dos seus adeptos e da guarda pretoriana, conseguira impôr, desde há muito, a proibição de qualquer concorrência à sua liderança e, naturalmente, quaisquer gestos ou actos que constituissem a menor crítica à sua pessoa.

Um simples agitar de dedos, que fosse interpretado como ofensivo para com a dignidade do chefe Macacão ou da dos que o apoiavam, podia impedir que qualquer indiferente macaquinho saboreasse uma bela banana, durante alguns tempos.

Assim se compreende a agitação no arvoredo da Aldeia, a partir do dia em que o maçador do Macacão e boa parte dos seus correligionários foram postos a milhas.

Durante algum tempo assistiu-se ao maior regabofe: ninguém mandava e ninguém obedecia.

As caretas e os gestos com os dedos, bem como o deitar a língua de fora, passaram a ser abundantemente usados, até ao excesso, como que numa tentativa de recuperar o tempo passado, de recuperar da excessiva ordem e acatamento.

De facto, as ideias de autoridade e de liderança haviam desaparecido, por completo, da Aldeia. Ainda que, no cume das árvores, a luta por um lugar ao sol se fosse divisando, agora que a velha ordem desaparecera. A selva, à volta, olhava aquele espectáculo, atónita e interessada: que iria acontecer?

Os macacos mais espertos e expeditos da Aldeia, iam-se entretanto organizando e coligando, na preparação do assalto aos ramos mais altos do arvoredo, arregimentando e mentalizando os seus adeptos, em consonância com as suas caretas e gestos digitais.

E o grande dia chegou: o dia da eleição do novo chefe da Aldeia. Tudo muito enfeitado com folhas de bananeira e de palmeira, tudo muito limpinho. Enfim, sempre era um dia diferente dos outros. O ambiente era de grande festa e excitação: finalmente todos os macacos adultos da Aldeia podiam eleger, livremente e com Amendoins, os chefes da sua preferência.

Dentre as diversas facções, rapidamente se conseguiram salientar duas, a grande distância, nas preferências gerais: os Atiradiços e os Insaciáveis. Tanto uns como os outros, prometiam as mais amplas oportunidades e igualdades entre os membros da Aldeia. Juravam, também, conseguir a maior fartura e bem-estar para toda a comunidade, independentemente das suas ideias e como jamais no passado se conseguira. Enfim, a Aldeia dos Macacos haveria de ser um oásis, de doces frutos e de sossego celestial. Ainda que os Insaciáveis tivessem conseguido conquistar alguns lugares mais que os seus principais opositores, os Atiradiços, para a clareira onde se reunia o Conselho da Aldeia, uns e outros, rapidamente e em força diligenciaram, furiosamente, ocupar os poleiros mais altos do arvoredo.

E como a paisagem era bela! — descobriam alguns. Outros experimentavam, deliciados, evacuar libertina e soltamente, sobre os que se empoleiravam mais abaixo, fazendo-lhes manguitos no caso de alguma reclamação.

E o tempo foi passando. Verdade que sem o silêncio e a melancolia do passado e na plena liberdade de fazer caretas e gestos mais ou menos feios com os dedos. Pareceu até mesmo ter havido um aumento no acesso ao consumo de bananas, amendoins e cocos, no seguimento de clamorosas chinfrineiras, junto à clareira.

A selva, à volta, continuava a observar e a esperar pelos acontecimentos.

Se se constatava alguma fraternidade entre a macacada miúda, o mesmo se não verificava entre os Atiradiços e os Insaciáveis: fosse nas cúpulas dos arvoredos ou nas reuniões magnas, na clareira: combatiam-se e acusavam-se com a maior ferocidade. Só por altura das votações é que, talvez por um pouco de sensatez, se lembravam da existência real do resto da Aldeia, pelo que choviam as promessas solenes de mais bananas, mais cocos mais amendoins, mais igualdade, mais atenção e mais sossego para toda a comunidade.

Ainda que os Atiradiços e os Insaciáveis como que numa secreta combinação, fossem conseguindo concorrer entre si e alternando na condução dos destinos da Aldeia, não pareciam conseguir, uns e outros, uma substancial melhoria das condições gerais de vida dos seus habitantes.

O rotativismo nos poleiros mais altos, entre os dois grupos tinha, porém, alguma vantagem: a de evitar serem sempre os mesmos a gesticular e a cuspir durante mais tempo que os outros.

Para além disso, a macacada miúda continuava à margem das grandes questões, como a gestão global e racional das bananeiras e dos coqueiros.

Restava-lhe aproveitar o espectáculo frequente, na clareira e nos galhos mais altos: as trocas de cuspidelas; as insinuações torpes e mútuas, com os dedos; as gritarias amedrontadoras, etc. etc.. Que delírio de gozo!!! Mas a macacada miúda, julgando-se mera espectadora, ainda que o ignorasse, não deixava de ser a maior vítima.

Sem dúvida que o espectáculo proporcionado pelos Atiradiços e pelos Insaciáveis, distraía e fazia esquecer muitos problemas. Mesmo até os que não deviam ficar esquecidos!...

A selva, à volta, observava...

L. de M.

Minha Terra

«Meu Poema»

Figueiró, em ti nasci,
Em ti fui a baptizar
Em ti quero ter repouso
Quando for a sepultar

Teus caminhos percorri
Quando fui menino e moço.
Trago-te envolto em saudades,
Com o teu retrato no bolso

Vila nobre sem rival!
Ninguém me diga mal dela:
As outras serão bonitas,
Mas esta é sempre a mais bela!

Acabou o meu Poema,
Já não sei dizer mais nada.
Quem falou desta maneira
Ficou de alma lavada!

Chavelho 06.10.1995
José Conceição Lopes

Casamento

Realizou-se, no dia 16 de Setembro, na Igreja Matriz da Golegã o casamento da drª. Maria Palmira da Graça Cortiço, licenciada em Biologia-Geologia, natural daquela Vila, filha de Custódia da Graça e de Alexandre Cortiço, com João Mário Curado Cipriano, licenciado em Engenharia de Minas, natural da Lourinhã, filho de Benedita Nunes Curado Cipriano e de Rui Marques Cipriano, e sobrinho da que foi muito nossa estimada Maria Júlia Nunes Curado.

A cerimónia foi acompanhada pelo Grupo Coral Cantares Nosso, da Golegã, tendo os noivos seguido em viagem de núpcias para a Tunísia. No regresso, fixarão residência na Lourinhã.

Bodas de Diamante

Adriano Dias Freire
Ângela Augusta de Jesus

No passado dia 5 de Outubro celebraram 60 anos de matrimónio D. Ângela Augusta de Jesus, e Adriano Dias Freire, residentes em Almofala - Aguda.

Este simpático casal teve dois filhos, Adelino Freire e Manuel Fernando Freire (Já falecido) e quatro netos.

Nesse dia, acompanhado pela sua família, assistiu à celebração da Eucaristia na igreja do Avelar, tendo o P. Jorge Arcanjo realçado na homilia o acontecimento raro, que é uma vida em comum durante 60 anos, numa época tão conturbada como a que vivemos, em que os valores da vida familiar são tão menosprezados e o casamento visto quase como uma brincadeira.

No final a assembleia brindou o casal com uma salva de palmas.

A D. Ângela, com grande segurança, humildade e espontaneidade disse algumas palavras sobre o que foi a sua longa vida cheia de amor, compreensão, tolerância e espírito de sacrifício mútuos, exortando os presentes a defenderem os seus casamentos com as armas do amor, como eles têm feito.

Parabéns ao feliz casal e seus familiares!

Aos jovens, uma palavra: — meditem neste exemplo e sigam-no.

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MOVIMENTO PAROQUIAL

BAPTIZADOS

No dia 23 de Setembro — Carina Alexandra Martins Antunes, filha de Eduardo Manuel Antunes Rodrigues e de Irene da Conceição Martins Antunes, residentes em Guimarote — Leiria.

Foram padrinhos: Mário Manuel Rodrigues e Maria Fernanda Antunes Perdigão.

No dia 22 de Outubro — Rafael Pereira de Almeida, filho de João José Santos Almeida e de Maria Manuela Conceição Pereira Martins Almeida, residentes em Figueiró dos Vinhos.

Foram padrinhos: António Vasco Conceição Pereira Martins.

CASAMENTO

No dia 14 de Outubro — Joaquim Carvalho Almeida, de 24 anos, filho de José Calado de Almeida e de Maria Rosa Luísa de Carvalho, residente em Covais — Graça e Cristina Isabel dos Santos Dinis, de 19 anos, filha de João Dinis Pereira e de Conceição Carvalho dos Santos Dinis, residente em Lavandeira.

ÓBITOS

No dia 23 de Setembro — Manuel da Silva Furtado, de 68 anos, casado com Maria de Lurdes da Conceição Fonseca, residente em Figueiró dos Vinhos.

No dia 24 de Setembro — Alice dos Anjos Pais, de 76 anos, viúva de José Maria da Costa, residente no Carapinhal.

No dia 2 de Outubro — Deolinda da Conceição Simões, de 77 anos, casada com José Cunha, residente em Aldeia Cimeira — Bairradas.

No dia 4 de Outubro — José da Conceição Graça, de 67 anos, casado com Patrocínia Assunção Martins, residente em Chavelho.

No dia 5 de Outubro — Joaquim dos Santos Ângelo, de 87 anos, casado com Palmira da Conceição Abreu, residente no Chão da Amoreira.

No dia 12 de Outubro — Manuel Fonseca, de 67 anos, casado, residente em Várzeas — Vila Facaia.

CURSO PRÁTICO DE ASTRONOMIA

DESTINATÁRIOS: Professores de Física e Biologia do Ensino Secundário; Jovens Interessados por Astronomia.

DURAÇÃO: De 09 a 15 de Dezembro.

PERIODICIDADE: Uma sessão por semana de duas horas e meia.

HORÁRIO: Das 20 h 00 às 22 h 30.

PREÇO: 7.500$00.

FORMADOR: José Augusto Matos — Colaborador do Jornal "Público" na Área das Ciências do Espaço.

Para mais informações e inscrições contacte o C.I.J.: Rua Pedro Monteiro, 73 — 3000 Coimbra — Tel: (039) 401064.

BOLSAS PARA FORMAÇÃO ARTÍSTICA NA SUÍÇA

O Governo Suíço vai promover para o ano lectivo de 1996/97, bolsas para formação artística.

Estas bolsas, com a duração de nove meses cada, destinam-se a jovens artistas **nascidos após 1 de Janeiro de 1961**.

As candidaturas devem ser apresentadas até ao dia **1 de Dezembro**, juntamente com atestado de aceitação de um professor da Instituição escolhida para efectuar os estudos.

Para mais informações contacte: Gabinete de Relações Culturais Internacionais — Rua de S. Pedro de Alcântara, 45-2º — 1200 Lisboa — Tel: (01) 3468819 — Fax: (01) 3424605.

NOTÍCIAS DE CAMPELO

MOVIMENTO PAROQUIAL

BAPTIZADO

No dia 14 de Outubro foi baptizado Ricardo José Dias Santos, filho de José Manuel Ribeira Santos e de Paula Fernanda Antunes Dias Santos, residentes em Ramada — Odivelas.

Foram padrinhos: Joaquim Antunes Dias e Paula Cristina Ribeira Santos.

VOZ DE AGUDA

BAPTIZADO

No dia 1 de Outubro — Patrícia Isabel Nunes Jorge, filha de José Emídio Freire Jorge e de Isabel Maria Nunes Jorge, residentes em Aguda.

Foram padrinhos: José Arménio Lourenço Nunes e Zamira Freire Jorge.

M. Mendes

CALENDÁRIO FISCAL

Mês de NOVEMBRO/95

Até ao dia 15 — Pagamento à Caixa de Previdência
— Pagamento do I.V.A. referente ao 3º trimestre/95
20 — Pagamento do I.R.S. relativo a Trabalhadores Dependentes, Independentes, a Prediais e Capitais
— Pagamento do Imposto do Selo
30 — Pagamento do I.V.A. relativo ao mês de Setembro/95

xxxxxxxxxxxxxxxxxxxxx

NOTÍCIAS FISCAIS:

• Foi promulgado o Estatuto de Técnicos de Contas, devendo estar a ser publicado no D.R..

Este Estatuto acrescenta mais responsabilidade, nos aspectos moral e legal, aos TOC.

• Conforme determina o artº 55º nº 1 do Código, são aceites como despesas com a educação:

a) Os encargos relativos à frequência de jardins-de-infância, estabelecimentos equiparados, escolas do ensino básico, secundário ou superior, públicos ou PRIVADOS.

b) Os encargos com amas que prestem serviços compreendidos na actividade exercida pelos jardins-de-infância ou estabelecimentos equiparados.

• Estes encargos compreendem taxas de inscrição, propinas, serviço de transporte, alojamento e alimentação prestados por terceiros, livros e outro material insusceptíveis de utilização fora do âmbito escolar.

Fisco e despesas nos restaurantes

ROGÉRIO FERNANDES FERREIRA

JÁ SE VIU noticiado haver restaurantes cujas quantias recebidas através dos cartões de crédito ultrapassam aquilo que indicam ao fisco. Isso revela-se chocante, até porque haverá ainda clientes que pagarão as contas em dinheiro ou por cheque.

Refira-se ainda que o desplante hoje é tão grande que alguns clientes de elevada categoria profissional não têm pudor em solicitar em refeições de confraternização, em que cada um paga a sua parte, a conta de todos.

Assim, os restaurantes emitem várias facturas pelo mesmo total e cada cliente adquire factura para contabilizar na sua empresa ou para abater nas despesas como "trabalhador independente".

Ao mesmo tempo, queixamo-nos do ministro das Finanças, que veio desfavorecer essas despesas, cujo IVA já não era dedutível, com a não aceitação de 20 por cento do seu montante, no imposto sobre o lucro tributável das empresas em cujas contas de exploração são processados aqueles custos.

Se para as empresas o esquema é cada vez mais negativo, também é certo que anda muita gente a "comer de graça" e com estômago excessivo.

Com tanta "criatividade", as regulamentações fiscais que proliferam não bastam e nada resolvem. O problema é outro — a falta de ética e por aí é que importa repensar.

Nas concepções da lei fiscal haverá ideias norteadas, mas, na prática, reina a grande desonestidade.

Depois das eleições, o caos, o arbítrio, poderá ser ainda maior, a julgar pelas promessas e contradições das declarações de líderes políticos que, por vezes, pouco sabem da matéria.

Página coordenada por Rogério Fernandes Ferreira, professor do Instituto Superior de Economia e Gestão

in *"VIDA ECONÓMICA"*

Apontamentos sobre a História da Comunicação Social

— II —

(Cont. do nº anterior)

A comunicação manuscrita em Roma: Uma vez que as "Efemérides" dos gregos apenas anunciavam a posição do Sol e as fases da Lua (não passando de almanaques), as ***Acta Diurna***, ***Acta Populi***, ***Acta Urbis*** ou Acta ***Diurna Populi Urbana*** constituem os mais antigos escritos aparentados com o jornal.

De começo, os acontecimentos importantes eram publicados, em Roma, numa tábua branca, ***Album***, pendurada, todo o ano, no muro da residência do Grande Pontífice.

Daí resultaram os ***Annalles Maximi***, ponto de partida da história romana. Ao assumir o consulado, no ano 69 a.C., Júlio César alterou este meio oficial de informação, determinando que fossem redigidos, diariamente, os actos do povo e do Senado.

Revestindo as duas primeiras condições do jornal — a periodicidade e a actualidade — depressa as Acta atraíram a terceira — a variedade —, quando a curiosidade do público as levou a abrir espaço para outra espécie de noticiário. Plínio leu, nas ***Acta***, que um cão se afogou no Tibre, para não abandonar o corpo do dono. Preparando vinganças, Tibério mandava estampar nas ***Acta*** tudo o que se dizia contra ele e também o que não se dizia. Nelas se inseriam nomeações de funcionários, éditos, discursos, sucessos militares, nascimentos e óbitos, incêndios, prodígios e espectáculos. As ***Acta*** eram, em suma, o embrião do jornal.

O periódico estático: Para os romanos, publicar uma notícia não significava levá-la junto do povo, mas sim afixá-la em local onde pudesse ser facilmente lida.

O aumento e a frequência dos textos obrigaram ao desdobramento das tábuas. E como nem toda a gente as podia ler no Forum, entraram de circular cópias particulares. Nesse período, Juvenal criticava a indolência das mulheres, que, acordando de mau humor, faziam espancar, sem motivo, os servos, enquanto se toucavam e recebiam as amigas, para falarem de modas.

Seja como for, a circulação das ***Acta*** por cópias era irregular e restrita, pela inexistência de correios públicos e pelo custo do material em que eram escritas.

Como simples nota adicional, mencione-se que os romanos usavam, para anotações, recados e cartas, pequenas tábuas de madeira ou de marfim, ligeiramente escavadas, tingidas de preto e recobertas com cera branca. As inscrições eram gravadas com um estilete.

Jornal sem jornalismo: Expandindo-se em poucas e demoradas transcrições, não se pode afirmar que o diário romano circulava, ao contrário do jornal, que é a informação em movimento.

É preciso acentuar que os romanos pouco prezavam os jornais, embora deles se servissem.

Se subestimarmos um instrumento, natural é que não tentemos aperfeiçoá-lo. Parece ser esta uma explicação plausível para o facto de que, em cinco séculos, o jornal não progrediu em Roma.

Na era de Teodósio, o jornal mantinha-se tal qual como no tempo de Augusto. Tanto assim que Tácito desdenhosamente garantia que o historiador não acharia nada de notável no segundo consulado de Nero, salvo se enchesse volumes descrevendo os alicerces e a estrutura do anfiteatro construído no Campo de Marte. "Mas é da dignidade do povo romano — escreveu — não entrarem na sua história senão os feitos ilustres". E terminava: "bastando aos insignificantes os diários da cidade".

Apesar de tudo, pensa-se que, durante quinhentos anos, os diários teriam vindo a público, apresentando, além da actualidade e da variedade, a periodicidade. Quanto à circulação, nunca saíram de cópias ocasionais.

Desaparecidos com a transferência do Império para Bizâncio, só ao cabo de mil anos ressurgiram os ***Diurnalis***, nas epístolas-circulares e nas gazetas quinhentistas, as quais se, por um lado, se tinham soltado dos muros, chegando ao povo em modestas tiragens manuscritas, por outro, nem eram diárias, nem contínuas, nem tão variadas como as ***Acta urbana***.

Ainda no período das ***Acta***, não podemos esquecer que só os ricos se permitiam o "luxo" de as receber em casa. A maioria das pessoas lia-as no próprio local onde eram afixadas; se ausente, contentava-se com a informação epistolar; ou ouvia-a da boca de outrem, em certos locais da cidade. Não diremos que esta terceira modalidade foi a origem do comentário, da crítica, do mexerico e da bisbilhotice.

Quanto à segunda, sabe-se, seguramente, que pessoas de todas as condições sociais se reuniam — como dissemos — em alguns pontos de Roma, para conversarem — quase sempre para lastimarem os erros do governo e opinar sobre as soluções que melhor serviriam os interesses do povo.

O hábito de criticar, sem fundamento, enraizou-se entre os romanos. Os "estrategas de café" (usando uma expressão em voga, durante a II Grande Guerra Mundial) proliferaram. À sombra de uma árvore, meia-hora lhes bastava para definirem as linhas da condução de uma qualquer campanha militar.

Consciente dos males que esses "estrategas" causavam, Paulo Emílio, ao partir para a campanha da Macedónia, recomendava aos cidadãos que não dessem ouvidos aos faladores, que pretendiam dirigir, de Roma, a marcha dos exércitos, escolhendo o terreno, os postos a fortificar, os desfiladeiros a transpor e as ocasiões de ataque ou de repouso. Lamentando que eles perturbassem os homens do governo, sublinhava que "nem todos podiam opor-lhes a firmeza de alma de Fábio, que preferia ver a sua autoridade ferida pela leviandade da multidão, a resguardá-la, comprometendo, assim, os interesses da república". Paulo Emílio convidava os parlapatões, que falavam do que não sabiam, a acompanhá-lo à Macedónia, onde lhes oferecia tudo quanto precisassem para comprovar os seus méritos de chefes militares: navios, cavalos, tendas e dinheiro.

Por seu turno, Marcial tomou atitude diferente, em relação a um mexeriqueiro famoso, Philomusus, que sabia de tudo e de tudo tinha opiniões definitivas. Philomusus contava rodelas (mentiras) para comer jantares. E Marcial convidava-o à sua mesa, com a condição de ficar calado.

Perguntar-se-á, ingenuamente ou de má-fé: os "estrategas de café" e os parlapatões, como Philomusus, foram os antecessores dos jornalistas? Clarissimamente, não foram. Ao contrário, eles personificam, em Roma, como no Mundo do século XX, os maiores inimigos dos jornalistas, porque com os profissionais da informação se confundem e os desacreditam. Em Roma, como no Mundo do século XX, a falta de informação conduz ao boato, ao mexerico e à mentira, para gáudio e proveito de um qualquer Philomusus. O jornalista respeita a sua profissão. Por isso, na busca de elementos para a notícia, verifica o fundamento das suas fontes, para ter a certeza de divulgar a verdade.

A carta: A feição oficial, possivelmente tendenciosa das ***Acta Urbana***, no concernente aos negócios públicos de Roma, não era compensada com a variedade de um noticiário vulgar. Para se manterem informados, dentro ou fora da Metrópole, socorriam-se os letrados e os estadistas uns dos outros.

As cartas ocupavam, em tais circunstâncias, o lugar dos jornais e prestavam quase os mesmos serviços. Passavam de mão em mão, quando continham novidades de vulto. Liam-se, comentavam-se, transcreviam-se aquelas em que os grandes personagens expunham os seus pontos de vista. Era por meio delas que, atacado, o político se defendia perante as pessoas cuja estima desejava conservar. Emudecido o Forum, como no período de César, era por meio delas que se procurava formar, num público restrito, uma espécie de opinião geral.

Certas cartas eram afixadas nas praças ou corriam em cópias distribuídas pelos destinatários, tornando-se públicas. "Foi, sem dúvida, o que aconteceu às que Cícero recebeu e expediu, na iminência da guerra civil. Desse género de cartas parece ser possível dizer que quase ocupavam, num limitado círculo, o lugar dos jornais de hoje" — segundo escreveu um estudioso francês.

Para as pequenas ocorrências, os habitantes das províncias socorriam-se dos serviços de correspondentes pagos, como acontece actualmente: profissionais que exercem essa função. existem aos milhares e em todos os pontos do Globo.

Em cartas dirigidas a Cícero, quando procônsul na Sicília, incluem-se "fábulas" e boatos, catados nas ruas por bisbilhoteiros, que nem sempre agradavam ao célebre orador, cuja curiosidade, no entanto, não conhecia limites — nem para a malícia e para a maledicência, nem para a crónica escandalosa.

Os correspondentes também se preocupavam com o noticiário farto e constante. Há exemplos de correspondentes que exigiam uma contrapartida tão rigorosa às suas cartas, que, nas respostas, contavam não só o número de páginas e de linhas, mas, inclusive, o número de palavras e de sílabas. Um hábito que, por muito espantoso que pareça, continuou até aos nossos dias. Em dada época, bem recente, um diário lisboeta costumava comparar cada notícia sua com a de outro, suposta ou verdadeiramente rival. Um funcionário media as linhas de "prosa" e anotava as falhas de pormenores registados pelo concorrente. O jornalista que cometera as tantas vezes pseudo-falhas não escapava de ser admoestado. Uma forma errada de encarar o Jornalismo, que deve ter por alvo a distinção entre o essencial e o acidental. A velha expressão da "muita parra e pouca uva" tem cabimento quando se elabora uma notícia, porque é mais importante o conteúdo do que a extensão.

Regresso ao verbalismo na Idade Média: Na Idade Média, regrediu a informação à era heróica dos rapsodos (trovadores). As novidades transitavam de boca em boca, na poesia e no canto.

A particularização da vida feudal, infiltrável através das muralhas de vilas e castelos, a mistura dos idiomas, a crendice, o retrocesso das conquistas materiais e, sobretudo, a ignorância geral, agravada pela escassez e alto preço do papiro importado do Egipto, impossibilitavam a sobrevivência da cultura clássica e dos costumes romanos. Mesmo nas castas dominantes raras pessoas conheciam o alfabeto.

Três séculos após a fundação da independência portuguesa, as cortes impetravam do rei que mandasse ensinar gramática à nobreza. Dos cinco primeiros monarcas portugueses desconhece-se a letra, duvidando-se se seriam analfabetos ou se reputavam essencial às ordens régias a sanção com a maçã da espada.

O pensamento e a arte greco-romanos expiraram nas garras das hordas bárbaras e até a sua memória se teria delido se a erudição cristã a não tivesse, em parte, recolhido às arcas conventuais. Indiferentes perante perigos de vária ordem, os monges preservaram e transmitiram parcelas valiosas do tesouro literário do paganismo. Infelizmente, depois de salvos, perderam-se numerosos textos, quando a carência de pergaminhos gerou o expediente dos palimpsestos.

A idade Média foi, à força, a idade da palavra falada: os poucos indivíduos que sabiam escrever não tinham como, nem a quem fazê-lo.

O funesto expediente dos palimpsestos: Não havendo onde escrever, foram aproveitados antigos manuscritos, raspando-os ou lavando-os com uma solução alcalina.

É de supor que assim tenham perecido muitas obras nomeadas pelos antigos.

Apenas para dar pálida ideia dos prejuízos que os palimpsestos causaram ao património cultural da Humanidade, refira-se que, devido a eles, desapareceram 35 dos 40 livros da "História Universal" de Políbio, três quartas partes dos trabalhos de Tácito, 107 dos 142 livros de Tito Lívio e quase toda a monumental obra de Marcos Varrão, cujos estudos sobre as "Antiguidades das Coisas Divinas" e as "Antiguidades das Coisas Humanas" foram compulsados por Petrarca, na sua mocidade. Examinando versos do poeta Sedílio, um jesuíta verificou cobrirem perdidas orações de Cícero. Sob um comentário de Santo Agostinho, o mesmo religioso achou grande parte do famoso tratado da "República", de Platão.

Na própria Idade Média, o perigo do palimpsesto foi, aqui e ali, compreendido e atalhado. Instituídos, em 1358, seis novos notários, impuseram-lhes o juramento de não aproveitarem pergaminhos já escritos.

Da depredação e destruição de manuscritos, por crendice ou ignorância, não cabe, senão indirectamente, falar, na História do Jornalismo. O tema terá mais cabimento na História Universal.

Meios de informação oral: Nascidos da exaltação dos sucessos contemporâneos, os romances, as canções e as sirventes (poesia satírica provençal) da Idade Média eram como o prenúncio do periodismo, uma forma embrionária da informação em movimento.

Até ao século XI, as notícias difundiam-se através das cantilenas — estrofes breves e actuais, meio líricas, meio narrativas —, cujo fundo seria largamente aproveitado na composição das gestas (feitos guerreiros) e canções.

Peregrinando por vilas e castelos, os jograis, ao lado do lirismo das baladas e pastorelas (canções de trovadores), dos lais (pequenos poemas) e cantigas de amor e de amigo (as cantigas de amigo diferenciavam-se apenas na forma. No fundo, tratavam ambas de amor. Se, na primeira copla, falava o trovador, a cantiga era de amor; se a dama, de amigo. Na linguagem medieval, "amigo" queria dizer "namorado") — entoados ao som de sanfonhas (instrumentos musicais de cordas de tripa, tangidos por manivela, talvez o antecessor remoto do acordeão), rotas (flautas de cana), violas e saltérios (instrumentos musicais de cordas, palhetadas ou percutidas com pauzinhos, por vezes confundindo com a cítara ou a lira) —, cantavam e recitavam gestas, que eram a história popular do tempo, e contos facetos e satíricos, inspirados em discórdias e agitações, verdadeiras gazetas rimadas.

"As viagens e as grandes reuniões de jograis cumpriam, na Idade Média, a função de divulgar a música e a literatura em países muito diversos, substituindo, de certo modo, os meios modernos de que dispõe a Imprensa", escreveu Teófilo Braga, na sua "História da Poesia Popular Portuguesa".

(Continua)

SINISTRALIDADE RODOVIÁRIA

Cont. da 1ª Pág.

Em relação a igual período do ano passado temos **mais 131 acidentes, menos 49 feridos, mas mais 33 mortos**. São valores assustadores estes que ficam no campo de batalha das nossas estradas, perante uma generalizada indiferença.

COMPARAÇÃO COM OS MESES ANTERIORES

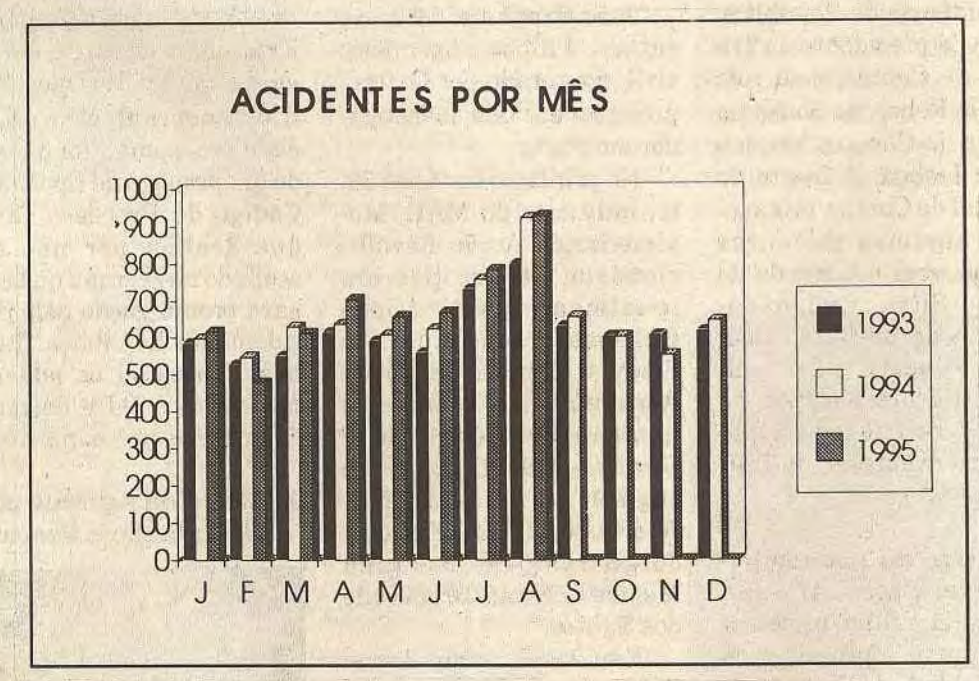
O quadro que se segue é elucidativo dos acidentes rodoviários verificados nos vários meses do ano e sinistrados que provocaram, traduzindo a última linha os valores do mês em análise (Agosto 1995).

— AGOSTO 1995 —

COMPARAÇÃO COM OS 12 MESES ANTERIORES

	ACIDENTES			SINISTRADOS			
	DANOS MATERIAIS	DANOS CORPORAIS	TOTAL	MORTOS	FERIDOS GRAVES	FERIDOS LIGEIROS	TOTAL
AGO.94	599	324	923	18	177	482	677
SET.94	401	255	656	12	168	293	473
OUT.94	368	234	602	15	108	257	380
NOV.94	367	184	551	12	80	259	351
DEZ.94	400	245	665	14	152	338	504
JAN.95	385	230	615	11	129	272	379
FEV.95	327	203	477	19	107	244	372
MAR.95	407	204	611	11	65	264	340
ABR.95	435	269	704	18	198	330	546
MAI.95	429	237	656	8	166	268	442
JUN.95	430	238	668	16	127	263	406
JUL.95	475	309	784	15	83	411	539
AGO.95	576	353	929	20	232	489	741

Comparado com **Agosto 94, Agosto 95** teve **mais 6 acidentes**, com **mais** dois **mortos**.
Comparado com Julho 95, Agosto 95 teve **mais** 145 acidentes, com **mais** cinco mortos



Estes valores referem-se, obviamente, a todo o distrito de Leiria.

ACIDENTES / DIA

A 94	S 94	0 94	N 94	D 94	J 95	F 95	M 95	A 95	M 95	J 95	J 95	A 95
28,9	21,9	19,4	18,4	21,3	19,8	17,0	20,0	23,5	21,3	22,3	25,3	30,0

E. N. 1 LIDERA A SINISTRALIDADE

A **E.N. 1** detém a maioria relativa da quantidade de acidentes desde Janeiro. Em **oito meses** registaram-se ali **443 acidentes**, com **339 sinistrados.**

36 pessoas morreram na estrada nacional nº 1, durante este ano, das quais sete morreram em Agosto.

Nem só na E.N. 1, no entanto, se verificaram muitos acidentes. Analisados os **acidentes** nas **estradas municipais ou secundárias**, nestas tiveram lugar **43% dos acidentes** do distrito, e aí **morreram 50** pessoas nos mesmos 8 meses, 4 dos quais morreram no mês de Agosto.

Muitos destes acidentes, nas estradas secundárias, acontecem nos **cruzamentos** e nas **curvas**. Nos cruzamentos, por falta de cuidado e falta de visibilidade; nas curvas, por o condutor que curva à esquerda "cortar a curva" e sair da sua mão de trânsito, originando colisão.

Os que se verificam em recta ficam quase sempre a dever-se a ultrapassagens indevidas.

OS ACIDENTES E OS DIAS DA SEMANA

Uma análise sobre a incidência de acidentes nos vários dias da semana deixa-nos o alerta da **maior sinistralidade aos fins-de-semana.**

Ao longo do dia, os acidentes distribuem-se com regularidade entre **as 7 horas e as 22 horas, se bem que com maior quantidade nos intervalos das 8 horas às 9 horas, das 12 horas às 14 horas e das 16 horas às 22 horas.**

AS CAUSAS E A MÁ CONDUÇÃO

As três causas mais significativas de acidentes foram a **velocidade excessiva**, o **não cumprimento da regra da prioridade**, e **as distracções dos condutores**, estando estas três causas na origem de **70%** dos **acidentes de Agosto**.

Três causas que **envolvem má condução** e explicam **3** em cada **4** acidentes verificados.

Nos **929** acidentes ocorridos intervieram **1670 veículos**, dos quais **83% eram ligeiros, 5% eram pesados** e **11% eram velocípedes de duas rodas.**

Estes acidentes ocorreram maioritariamente em recta (51%), tendo 17% **dos mesmos acidentes tido lugar em curva e 32% num entroncamento ou cruzamento.**

As condições climatéricas não tiveram influência na ocorrência dos acidentes, já que nenhum dos acidentes aconteceu **com chuva**. Também a visibilidade foi factor limitativo em apenas 7% dos acidentes.

Estas conclusões foram obtidas na reunião mensal da comissão distrital de segurança rodoviária, presidida por sua excelência o Senhor Governador Civil, a qual teve lugar no passado dia 7 de Setembro.

No final do oitavo mês de 1995 somamos já 5444 acidentes e morreram nas estradas do distrito 118 pessoas.

É PRECISO PREVENIR. A CONDUÇÃO É UM JOGO COM REGRAS.

Desejámos que 1995 fosse melhor que 1994. Com menos acidentes, com menos feridos e com menos mortos.

1995 está no entanto a revelar-se um ano mais negro que 1994 em quantidade de acidentes e em quantidade de mortos.

Quanto a mortos, vamos atingir os 138 do ano passado muito antes de Dezembro. Com efeito, já somávamos 118 em 31 de Agosto, valor que no ano passado só atingimos em Novembro.

..... MAIS VALE CUMPRIR O CÓDIGO!

— MORTOS ATÉ 31 DE AGOSTO DE 1995 — NAS ESTRADAS DO DISTRITO DE LEIRIA

ESTRADA	1º SEMESTRE	JULHO	AGOSTO	TOTAL
A.1	2	-	-	2
E.N.1	24	5	7	36
E.N.8	3	-	-	3
E.N.109	2	-	-	2
E.N.110	-	-	1	1
E.N.113	2	-	1	3
E.N.237	4	-	1	5
E.N.242	1	-	-	1
E.N.243	-	-	-	-
E.N.356	1	1	1	3
OUTRAS ESTRADAS	37	9	4	50
LOCALIDADES	7	-	5	12
TOTAL	83	15	20	118

83 + 15 + 20 = 118
Estes 118 foram para a estrada *vivos* e regressaram *mortos*.
Em 8 meses, em Leiria.

O Coordenador da C.D.S.R.
Ilídio Gabriel Almeida de Sousa
(Cap.)

O PARTIDO SOCIALISTA VENCEU AS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS

O Eng. António Guterres é o novo Primeiro-Ministro

O Partido Socialista venceu as Eleições Legislativas, realizadas no dia 1. Do Governo agora constituído damos nomes, breves biografias e fotos.

Quanto aos secretários de Estado, porque o elenco não está ainda completo no fecho deste número, deles daremos notícia na próxima edição.

Primeiro Ministro

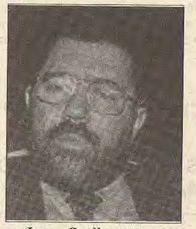
António Guterres, 46 anos, casado, dois filhos, engenheiro electrotécnico. Sob a sua liderança, o PS obteve, nas eleições de 1 de Outubro, 43,70% dos votos expressos e 112 deputados à Assembleia da República, em 230, o mais alto «score» obtido pelo PS em quaisquer eleições. Melhor resultado até 1 de Outubro: 37,8%, em 1975, nas eleições para a Assembleia Constituinte. É o segundo dirigente do PS a chegar a Primeiro-Ministro, depois de Mário Soares em 76/78 (governo minoritário e PS/CDS) e em 83/85 (governo PS/PSD, chamado do Bloco Central). O Governo agora formado só se manterá em funções se o seu Programa «passar» na Assembleia da República, isto é, se não for objecto de uma moção de rejeição, votada favoravelmente pela maioria dos deputados. O Programa de Governo tem de ser apresentado na Assembleia até dez dias depois da tomada de posse e será considerado aprovado não havendo rejeição expressa.

Ministro da Presidência

António Vitorino, 38 anos, casado, 1 filho, docente na Faculdade de Direito de Lisboa.

Aderiu ao PS em 74, com 16 anos. Em 75, saiu para a FSP, por alguns meses. Em 78, é um dos fundadores da UEDS, com Lopes Cardoso. Com 23 anos, é eleito pela primeira vez deputado, nas listas da FRS (PS+UEDS +ASDI). Aos 27, regressado ao PS, é secretário de Estado dos Assuntos Parlamentares (Governo do Bloco Central). Com 28 anos, foi porta-voz de Mário Soares, na sua primeira candidatura à Presidência da República. Em 87/89, é de novo deputado e um dos principais autores da 2ª revisão constitucional. Com 32 anos, é eleito juiz do Tribunal Constitucional, fun-ções que abandonou o ano passado, em Março, para integrar a direcção do PS. Três meses depois, encabeça as listas ao Parlamento Europeu. É agora o nº 2 do Executivo. E também o nº 3 como ministro da Defesa.

Ministro Adjunto



Jorge Coelho, 41 anos, casado, 1 filha, licenciado em Gestão.

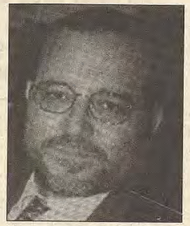
No dia 25 de Abril era militante de «extrema-esquerda», posição que abandona a seguir ao 25 de Novembro. O lugar de ministro-adjunto, que lhe foi destinado, é protocolarmente o último na ordem de precedências. Mas é o nº 3 na lista apresentada por Vitorino à Comunicação Social.

Ministro dos Negócios Estrangeiros

Jaime Gama, 48 anos, casado, um filho, antigo jornalista e professor de Filosofia. Foi o último líder parlamentar do PS e nº 2 das listas de Lisboa.

É militante do PS, desde a fundação do partido em 73. Foi do núcleo inicial da ASP e integrou, como estudante, as listas de candidatos a deputados pela CEUD, de Mário Soares, em 69. Era oficial miliciano no 25 de Abril, tendo participado no derrube da ditadura. Constituinte, membro do secretariado nacional, foi ministro da Administração Interna, com 27 anos, no Governo PS/CDS. Em 83/85, é ministro dos Negócios Estrangeiros e um dos subscritores do Tratado de Adesão à CEE. Em 86, com Soares em Belém, disputa com Vítor Constâncio a liderança do PS e perde. Não é melhor sucedido em 88 contra Jorge Sampaio. Consumada a «grande reconciliação» do PS em 94, Gama regressa à liderança do grupo parlamentar. De novo assume a pasta dos Negócios Estrangeiros.

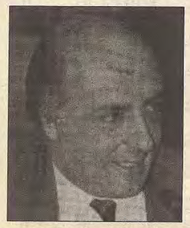
Ministro da Administração Interna



Alberto Costa, 48 anos, casado, 3 filhos, advogado, membro da comissão permanente do PS desde 92.

Foi militante do PCP entre 1967 e 1970. Dirigente estudantil, na Faculdade de Direito de Lisboa, foi preso pela polícia política em 71. Depois do 25 de Abril, integrou a Comissão Nacional de Inquérito, e foi consultor jurídico do Ministério da Agricultura. Adere ao PS em 1985. Liderou a oposição socialista a todas as reformas apresentadas por Laborinho Lúcio nesta legislatura. Mas é Dias Loureiro que vai substituir, cabendo-lhe, designadamente, a tutela das policias e do SIS, além do cumprimento dos compromissos do PS em matéria de segurança.

Ministro das Finanças



António Sousa Franco, 53 anos, casado, catedrático de Direito, presidente do Tribunal de Contas desde 1986, director da Faculdade de Direito da Universidade Católica desde 1989. Actualmente independente.

Foi deputado e vice-presidente do PPD em 1976. Ministro das Finanças no governo de Lurdes Pintasilgo em 79. Fundador da ASDI em 80, partido que disputa com o PS e a UEDS, as eleições de Outubro de 1980, que dão a segunda vitória da Aliança Democrática. Em 85, apoia Freitas do Amaral à Presidência da República. Em 89, já presidente do Tribunal de Contas, está com Marcelo Rebelo de Sousa na disputa da Câmara Municipal de Lisboa. À frente do Tribunal de Contas, protagonizou algumas polémicas públicas com o Governo de Cavaco Silva, designadamente a propósito do CCB em 91, o que lhe valeu o epiteto de «força de bloqueio» na moção subscrita por Cavaco Silva no congresso do PSD em 92.

Ministro da Economia

Daniel Bessa, 47 anos, casado, uma filha, professor de Economia e pró-reitor da Universidade do Porto desde 1991. Independente, foi porta-voz do PS para as questões económicas desde 93. Desde 83, além das actividades académicas, tem sido consultor económico de entidades públicas, como a Comissão de Coordenação

da Região Norte, e de empresas privadas, como o Banco Português de Negócios e a Soserfin — Sociedade de Serviços Financeiros. Também foi consultor de organizações sindicais, como o Sindicato de Bancários do Norte, e associações empresariais, como a APPI-CAPS.

O seu ministério da Economia, abrange a Indústria e Energia, de Mira Amaral, e o Comércio e Turismo, de Faria de Oliveira.

Ministro do Planeamento

João Cravinho, 59 anos, casado, 4 filhos, engenheiro civil, doutorado por Oxford, professor em Yale, investigador em Paris.

No princípio dos anos 60, foi militante do MAR, Movimento de Acção Revolucionária, de que fizeram igualmente parte Lopes Cardoso e José Augusto Seabra. Depois do 25 de Abril, passou pelo MES: foi ministro da Indústria no 4º Governo Provisório, que se seguiu ao 11 de Março. Aderiu ao PS em 1978, com Jorge Sampaio, Joaquim Mestre e Nuno Brederode dos Santos.

Em 1989, com Jorge Sampaio na liderança, foi cabeça de lista do PS ao Parlamento Europeu. Não aceitou em 94 o 3º lugar que lhe foi proposto por Guterres e regressou discretamente ao parlamento nacional. Herda a pasta de Valente de Oliveira, mas sem a Ciência, que passa a ministério autónomo. E, a prazo, sem a coordenação das CCRs, cujas competências deverão passar para as futuras «Regiões Administrativas».

Ministro da Justiça

José Vera Jardim, 56 anos, casado, 3 filhos, advogado, colega de escritório de Jorge Sampaio, Castro Caldas e Magalhães e Silva. O escritório de Vera Jardim já tem « o bastonário» e «o ministro da Justiça». "Arrisca-se" a ter ainda, dentro de alguns meses, «o mais alto magistrado da Nação». Governo (Vera), Maiora (dos advogados— Caldas) e Presidente (Sampaio)...

Foi dirigente estudantil, em 60/61 presidiu à assembleia geral de Direito, um ano antes de Freitas do Amaral. Membro fundador da SEDES, dirigente da Liga dos Direitos do Homem, oposicionista reconhecido, é chamado em 74 ao Governo Provisório, para o Comércio Externo, primeiro, e em seguida, para o Turismo. Particularmente atento à celeridade processual, foi o autor de um projecto de revisão do Código de Processo Civil, que acabou por não ser acolhido na reforma que está para promulgação pelo presidente da República. Também contestou os poderes conferidos à PJ e designadamente os pré-inquéritos.

Ministro da Agricultura, Alimentação e Pescas

Fernando Gomes da Silva, 57 anos, engenheiro agrónomo, independente. Foi um dos redactores do programa do Governo para o sector agrícola, a par do seu amigo Francisco Avillez e do futuro secretário de Estado da Agricultura, Capoulas Santos. Guterres não o colocou nas listas de deputados, mas compensou-o agora pelo apoio dado ao PS em representação do poderoso sector que representa: os grandes proprietários agrícolas. Foi investigador da Fundação Gulbenkian e depois presidente do IFADAP, cargo que abandonou por divergências com o então ministro da AD, Cardoso e Cunha. Considerado como um homem da CAP, é um grande proprietário do Ribatejo e pertencente ao chamado «lobby» dos cereais de sequeiro. A sua nomeação contou com a feroz oposição do eurodeputado e especialista em questões agrícolas, António Campos, que promete uma guerra sem quartel ao novo ministro.

Ministro da Educação

Eduardo Marçal Grilo, 53 anos, doutorado em Enge-nharia Mecânica pela Universidade Técnica, onde também foi professor até 1976. Trabalhou no Banco Mundial como consultor e foi presidente da Conferência Regular para os Problemas Universitários do Conselho da Europa e membro do Observatório do Quadro Comunitário de Apoio. É ainda director do serviço de Cooperação da Fundação Gulbenkian. Mas o cargo que se terá revelado decisivo para que este conterrâneo de António Guterres chegasse a ministro terá sido o facto de ser Presidente do Conselho Nacional de Educação. Um organismo onde estão representadas todas as forças vivas do sector educativo português. Os primeiros anos do «cavaquismo» afastaram-no do PS, partido de que foi militante e se veio a demitir, para agora regressar às origens e apoiar o futuro Primeiro-Ministro já em plena campanha eleitoral. Como secretário de Estado com poderes sobre todas as áreas do Ministério da Educação terá um homem da estrita confiança de Guterres: Guilherme d´Oliveira Martins.

Ministro da Ciência e Tecnologia

Mariano Gago, 47 anos, independente, engenheiro electrotécnico, doutorado na École Politecnique de Paris em Física de Partículas e professor de Física do Instituto Superior Técnico. Foi presidente da Junta Nacional de Investigação Científica até 1989, ano em que assume a presidência do Laboratório de Instrumentação e Física Experimental de Particulas. Fundador do Centro Europeu de Investigação Nuclear, preside actualmente ao Instituto de Prospectiva. Esteve no Congresso «Portugal Que Futuro?» ao lado de Mário Soares, mas foi a sua participação nos Estados Gerais e a sua posterior participação na redacção do programa de Governo do PS que terão levado António Guterres a decidir criar um ministério exactamente à medida de Mariano Gago. De tal forma assim foi, que António Guterres, viu-se obrigado a alterar à última hora a sua ideia de criar um ministério que juntasse a ciência e o ensino superior. Tudo porque Mariano Gago se mostrou até ao fim indisponível para ter a seu encargo o sector universitário com cujo «estabelismento» nunca conviveu muito bem.

Ministro do Equipamento Social

Henrique Constantino,

56 anos, economista, ex-secretário de Estado da Marinha Mercante do Governo do Bloco Central. Antes do 25 de Abril foi director de serviços financeiros da TAP e chefe de departamento e director de marketing do Banco Totta Standard, em Luanda, bem como director-geral da Companhia União de Cervejas de Angola. Depois da revolução regressou a Portugal para ocupar diversos cargos de direcção nos CTT, entre eles o de director de planeamento e director-geral. Até chegar a administrador dos CTT e dos TLP. A sua nomeação para ministro de uma das mais importantes pastas governamentais não deixa, no entanto, de ser uma segunda ou mesmo terceira escolha. Depois dos equívocos que rodearam a recusa de Fernando Gomes e do afastamento também ainda não inteiramente esclarecido de outro sério candidato ao lugar, Murteira Nabo, António Guterres foi obrigado a optar por um nome que não estava seguramente nas suas previsões iniciais.

Ministra do Emprego

Maria João Rodrigues, 40 anos, socióloga, doutorada em Economia pela Sorbonne, sendo actualmente professora agregada de Economia do ISCTE. É consultora da Comissão das Comunidades Europeias, onde coordena a área de Recursos Humanos, trabalhando directamente com o presidente da Comissão Europeia, Jacques Santer. É ainda membro do Conselho Económico e Social na qualidade de «personalidade de reconhecido mérito». A indigitada ministra do Emprego terá ainda um papel importante no futuro Conselho de Ministros para os assuntos da Educação e Formação Profissional, que compreenderá ainda os Ministérios da Educação e da Investigação Cientifica.

Ministro da Solidariedade e Segurança Social

Eduardo Ferro Rodrigues, 45 anos, casado, dois filhos, economista.

A seguir ao 25 de Abril, foi um dos mais revolucionários dirigentes do MÉS e será em 76 um dos principais apoiantes da candidatura de Otelo à Presidência da República, «Social-democratiza-se» a seguir: é um dos Animadores do grupo Nova Esquerda, que acaba por integrar-se no PS em 86, no Congresso que elegeu Vitor Constâncio. Mas só em 91, consegue integrar as listas do PS em lugar elegível, por imposição de Sampaio. Em 92, opõe-se a António Guterres. Mas, em 94, rende-se ao «charme» do novo lider e passa a colaborar com o secretário-geral na organização dos Estados-Gerais. É, com João Proença da UGT, um dos principais obreiros do «rendimento mínimo garantido», no seguimento da directiva da União Europeia, assinada pelo ministro Silva Peneda. Cabe-lhe preparar essa reforma social, um dos principais temas da campanha do PS, que deverá conhecer um princípio de aplicação já em 96. Outra «reforma do século» será a do financiamento da segurança social.

Ministra da Saúde

Maria de Belém Roseira, 46 anos, casada, uma filha, jurista, administradora-delegada do Instituto Português de Oncologia.

Militante do PS, nunca concorreu a qualquer lugar de destaque. A sua entrada na política faz-se por iniciativa de Maldonado Gonelha, ministro da Saúde, no governo do Bloco Central. De 88 a 92 é provedora-adjunta da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, com Victor Melícias, Assessora, vogal, provedora-adjunta, administradora-delegada, salta para ministra, sem ter sido presidente de um único organismo. E muito menos secretária de Estado, deputada, ou militante política em evidência.

Ministro do Ambiente e Recursos Naturais

Elisa Ferreira, 39 anos, casada, uma filha, economista, regionalista e independente. O seu primeiro marido, António Taveira, foi secretário de Estado dos Recursos Naturais. A sua ex-mulher vai a ministra da mesma pasta.

Elisa Ferreira, na altura, Taveira, tornou-se conhecida na opinião pública quando acumulou a vice-presidência da Comissão de Coordenação da Região Norte com a liderança da Operação Integrada de Desenvolvimento do Vale do Ave. Foi nos últimos anos da década de 80 e em 1990 Elisa Ferreira foi nomeada representante portuguesa ao Prémio Mulher da Europa. Em 1994, voltou a ser muito falada: quando foi substituída na AIPortuense, pelo ex-ministro Couto dos Santos, foi cáustica e incisiva. Tinha-se afastado do PSD, começara a trabalhar com Fernando Gomes, como assessora económica da Câmara e Área Metropolitana do Porto.

Ministro da Cultura

Manuel Maria Carrilho, 44 anos, professor catedrático de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa, membro da direcção do Centro Europeu para o Estudo da Argumentação da Universidade Livre de Bruxelas, onde é titular da «Catedra Parelman». Dirige ainda um programa de investigação sobre a retórica das Ciências Humanas, envolvendo várias Universidades: Sorbonne, Aix, Turim, Bruxelas e Bolonha. Tem uma extensa obra bibliográfica, nomeadamente a coordenação do Dicionário do Pensamento Contemporâneo. Foi ainda o responsável do último número da revista da Fundação Gulbenkian - Colóquio/Educação e Sociedade — dedicado ao tema «As Metamorfoses da Cultura». Foi membro do Clube da Esquerda Liberal e é, desde 1986, militante do PS. A sua escolha para assumir as funções de ministro da Cultura marca o surgimento de uma nova visão estratégica sobre o sector e a aposta numa política de ruptura com a prática do PS em anteriores governos nesta área. A designação do sub-director do Serviço de Música da Fundação Gulbenkian, Rui Vieira Nery, para secretário de estado da Cultura completa uma dupla que, desde os Estados Gerais, vinha surgindo como alternativa aos nomes de António Reis e Maria João Seixas.

MANUEL ALVES DA PIEDADE

CLÍNICA GERAL
CONSULTAS DIÁRIAS

Telef. 52418
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

DOMINGOS DUARTE

Assistente Hospitalar de Ginecologia

Consultas às 3ªs Feiras
(início às 15,30 horas)

R. Dr. Manuel Simões Barreiros, 6
Telef. 52604
Figueiró dos Vinhos

Informações
Telef. (039) 716314

FERNANDO BRANCO

MÉDICO — Clínica Geral

CONSULTAS: Segundas - Terças - Quintas - Sextas
(Das 12 às 14 e das 18 às 20 H)
Quartas — Das 9 às 14 e das 18 às 20H
Sábados — Das 9 às 14 H
Telef. 52216 — 3260 **FIGUEIRÓ DOS VINHOS**

LUÍS FRIAS FERNANDES

MÉDICO

DOENÇAS ALÉRGICAS - TESTES - ASMA BRÔNQUICA

Consultas por marcação

52 338 — — — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

LUÍS FILIPE LEITÃO DA SILVA

MÉDICO DENTISTA

CLÍNICA DENTÁRIA E LABORATÓRIO DE PRÓTESE

Carraminheira — Beco — 2240 Ferreira do Zêzere
(3 Km de Cabaços)
Consultas: 2ª, 3ª, 4ª, 5ª feiras. Sábado, só por marcação
Telefone: 036 - 36188
Lisboa — R. Barão Sabrosa, 309, r/c Esq. — Consultas: 6ª feira
Marcação: Telefone 01 - 8488409
— Acordo com a ADSE e CGD —

ARMANDO ROCHA

ASSISTENTE HOSPITALAR DO C.H.C. (COVÕES)

DOENÇAS DO SISTEMA NERVOSO E COLUNA

Residência: **Rua Gomes Freire, 6-1º Dtº**
Telef. 039-483792 — 3000 COIMBRA
Consultório: **Av. Navarro - Edifício Topázio - 6º andar - Sala 601**
Telef. 039-29495 — 3000 COIMBRA

J. PAULO CASTRO SOUSA

Especialista em **Oftalmologia** pelos H. U. Coimbra
e pela O. dos Médicos

Doenças dos Olhos — Lentes de Contacto
Lasers — Cirurgia Ocular

Consultório na Clínica Dr. Marreca David em Castanheira de Pera
— Marcação de consultas pelo Telef. 036/44350 —

EDUARDO FERNANDES

Advogado

Rua Luís Quaresma Vale do Rio, 19
TELEF. 52286 • 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ABEL M. FERNANDES

ADVOGADO

Figueiró dos Vinhos — Esc. Praça da República, 3, 1º
Telef. 53450/036
Esc. Coimbra — 039/ 29279

FERNANDO MARTELO

ADVOGADO

Rua Dr. Manuel Simões Barreiros, 15 - 1º
(Por cima da Rodoviária)
Telef.: 52329
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FILIPE MOREIRA

ADVOGADO

R. Teófilo Braga, Nº 5 - Telef. 52493
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ESSERP — ESCRITÓRIO
DE SERVIÇOS E PROJECTOS, LDA

CONTABILIDADE, FISCALIDADE
CONTENCIOSO E ESTUDOS

Zulmira Fernandes

ADVOGADA

Rua da Torre, 22 - 1º

Tel. 52313 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

COMPUTADORES • IMPRESSORAS
TELEMÓVEIS • TELEBIP´S • TELEFAX´S
CONSUMÍVEIS • EQUIPAMENTOS DE ESCRITÓRIO

BELSIL
Comércio de Equipamentos, L.da.

Rua Dr. António José de Almeida, Nº 7 - 1º
APARTADO 36 - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

GABINETE DE ESTÉTICA

DE *Naciolinda Martinho Lima*

PROFISSIONAL DE ESTÉTICA

Eli

VISAGISTA MASSAGISTA

EPILAÇÃO ELÉCTRICA • EPILAÇÃO POR CERAS
(Fria e Baixa Temperatura)
MANICURE — PEDICURE — CALISTA

Av. Herois do Ultramar — Telef. 036/52565
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

RÁDIO LITORAL DO CENTRO

PARA OUVIR
EM TODA
A REGIÃO CENTRO

97.5 FM

A Rádio da Música Portuguesa

Telefs.: 036 - 52536 — Estúdios 036-52382 - Fax 036 - 52639

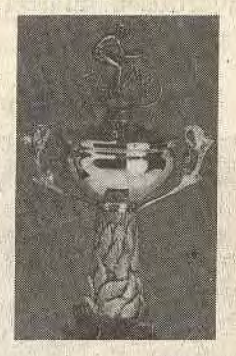
Bairro Teófilo Braga, 16-1º
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

OURIVESARIA LOURENÇO

ÓPTICA

Prata, Ouro, Relógios, Jóias

ANEIS DE FORMATURA PARA TODOS OS CURSOS



TAÇAS * TROFÉUS
MEDALHAS DESPORTIVAS

PREÇOS DE PROMOÇÃO — GRAVAÇÕES GRATUITAS

Marcam-se consultas para o médico da vista
e no mesmo dia fazem-se os óculos

UMA TRADIÇÃO DE BEM SERVIR
Telef. 52105
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

SANTAR Clínica Médica, Lda.

CONSULTAS

- BOCA E DENTES ..... 2.ª, 3.ª e 5.ª
- CLÍNICA GERAL 3.ª, 5.ª
- CARDIOLOGIA 2.ª
- DERMATOLOGIA 4.ª
- OFTALMOLOGIA 3.ª
- ORL (OUVIDOS E GARGANTA) 2.ª
- PSIQUIATRIA ..... 4.ª e SÁBADOS
- NEUROLOGIA ..... SÁBADOS
- GINECOLOGIA - OBSTECTRICIA ..... SÁBADOS

CLÍNICA MÉDICA

ELECTROCARDIOGRAMAS
AUDIOGRAMAS
RX À BOCA
TERAPIA DA FALA

INFORMAÇÕES E MARCAÇÕES: Telef. 036 - 36300 - **PRAÇA NOVA - 3250 CABAÇOS**

ANSIÃO - R. Dr. Adriano Rego, 13 - r/c
CONSULTAS: às 4as e 6as - MARCAÇÕES: Telef. 036-37788

TAXI ARTUR

TELEFONES

Telemóvel 0936/959633
Praça e Residência
036/52466
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

• LEIA
• ASSINE
• DIVULGUE

JORNAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

— 90 POEMAS
— 150 PÁGINAS
— CAPA A CORES

POESIA
DE LEITURA
AGRADÁVEL

PREÇO 1.000$00
(Despesas de Correio incluídas)
VENDA A FAVOR DAS OBRAS DE RECUPERAÇÃO DO CONVENTO DO CARMO

PEDIDOS AO

JORNAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

RESTAURANTE "PARIS"

DE *Amazilda da Silva Luís*

SERVE: Almoços, Petiscos, Jantares, Festas, Excursões, Baptizados, Casamentos, Convívios, etc...

ESPECIALIDADE DA CASA:

Leitão assado à "Paris"
Churrasco na brasa

PRATOS TRADICIONAIS:
O Cozido à Portuguesa, a Chanfana, a Feijoada à Transmontana, o Bacalhau à Lagareiro, e o Bacalhau c/ Grão.

Temos também um serviço à lista variado para satisfazer o seu gosto

Visite-nos e ficará a conhecer as nossas novas instalações c/ 2 salões independentes c/ capacidade para 600 pessoas

CARAMELEIRO **Telef. 52503** **3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS**

PINGO DOCE PASTELARIA

FABRICO PRÓPRIO DIÁRIO
CAFÉ • CERVEJARIA
ESPECIALIDADES DA CASA:
MEDALHÕES DE GELATINA
E PINGOS DOCES (SEMI-FRIOS)

TELEFONE 53456 — À PRAÇA DE TAXIS (Nº2)

VENDEM-SE

EM REGADAS PEDRÓGÃO GRANDE

2 Casas de habitação com currais, terreno anexo e bons logradouros. Contactar no local - *Manuel Antunes* ou pelo Telefone 036 - 45867

O CANTINHO DO LOURENÇO

PETISCOS

Almoços, Jantares

R. Major Neutel de Abreu, 8 - Telef. (036) 53337
FIGUEIRÓ DOS VINHOS

PASTELARIA E GELATARIA

RENAT'OS

DE ALFREDO QUINTAS

Telef. 52566
Rua Dr. Manuel Simões Barreiros, 27
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

CANOCALOR — Aquecimento, Ldª

ENERGIA SOLAR

Aquecimentos Centrais especializados em Ferro e Cobre

TELEFS 92581 e 99451(Residência)
VALONGO — COLMEIAS - 2400 LEIRIA

SIPICAL

—DE—

Jorge M. A. Silva

Portas, Janelas, Marquises, Montras, Tectos, Vitrines, Etc. Etc. em Alumínio, Cor Natural, Bronze e lacado

Alta Perfeição — Entregas Rápidas

Bairro Teófilo Braga, Nº 63 — Telef. 52687
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

CAFÉ RESTAURANTE MARIBEL

Almoços - Lanches - Jantares
ESPLANADA
Servimos Festas, Casamentos, Baptizados

Praça Dr. António José Pimenta, 3
TELEF. 52889 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

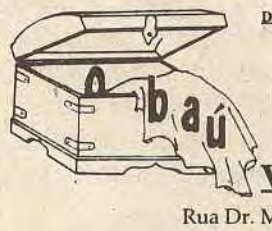
STÚDIO SÉRGIO

TUDO PARA FOTOGRAFIA E VÍDEO

Oferecemos-lhe a revelação das suas fotos em 30 minutos estamos equipados para o servir com

RAPIDEZ • QUALIDADE • BAIXO PREÇO

Avenida Padre Diogo de Vasconcelos (Junto à Rodoviária Nacional)
Telef. 036 - 52662 — 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS



DE **TOMÁS F. S. GRANADA**

ATOALHADOS • CAMISARIA LINGERIE

QUALIDADE * BONS PREÇOS

VISITE-NOS

Rua Dr. Manuel Simões Barreiros, 40
(Frente ao Terrabela)
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Tintas e Esmaltes

M. TEIXEIRA

ANTIGA PRISTA

Ferragens Ferramentas, UTILIDADES DOMÉSTICAS

Redes e Cordocria
DROGARIA

Telefones
Estabelecimento - 52481
Residência 52229 (Ponte de S. Simão) Pulverizadores

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

ALUGA-SE DIARIAMENTE

EM FIGUEIRÓ DOS VINHOS APARTAMENTO COM:

Sala, Dois quartos e cozinha
Trata: — *Fábrica do pão de ló*

(036) 52129

Café Lucília

DE *Maria Lucília Conceição Rosa Simões*

SERVIÇO DE: Café, Pastelaria e Petiscos

Telef. 52384 • Avenida José Malhoa,1
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Fernandes & Caetano, Lda.

AGENTES PETROGAL

GALPgás SINGER

HOOVER TABAQUEIRA

Telef. 52219 Rua Dr. Manuel Simões Barreiros, 5

Pronto a Vestir TOP MODAS

Telef. 523 78 **Praça da República, 8**
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

FLORISTA VILA FLOR

de LÚCIA C. FIDALGO

COROAS, PALMAS, RAMOS PARA NOIVA FLORES NATURAIS, ARTIFICIAIS ARRANJOS DE IGREJAS E RECEPÇÕES

AGORA TAMBÉM EM CASTANHEIRA DE PÊRA

Telef. 42316
SEDE — R. Luís Quaresma Val do Rio, 14
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Telefs: Estab.5 3278 • Resid. 52306

VENDEM-SE

2 pipos

Em bom estado de 5 e 10 almudes.
Contactar: Tel. 52705
Adelaide Agria Ascenção
Aldeia de Ana de Aviz

VENDE-SE

Quinta composta por casa de habitação, lojas p/ arrumações c/ água própria, luz, telefone, vinha e árvores de fruto.

Situada ao cimo da Vila-Casal de Stº António.

Contactar pelo telef. (039) 814117

DESENHO, CONTABILIDADE E SERVIÇOS, LDA.

Rua Luis Quaresma, 18-1º
3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS
FAX/TELEFONE: (036) 52521

• ARQUITECTURA, ENGENHARIA, TOPOGRAFIA E DESENHO (Construção Civil/Publicitário)

• GESTÃO E CONTABILIDADE

• CONSULTADORIA TÉCNICO-FISCAL:
— IRS/IRC
— Constituição de Sociedades
— Cessação de Actividades

• OUTROS SERVIÇOS:
— Seguros em todos os Ramos
— Compra e Venda de Propriedades
— Alvarás para Construção Civil
— Estudos Económicos visando os apoios Comunitários FEDER, FSE, FEOGA, Outros).

RAÇÕES SOJAGADO

RAÇÕES SOJAGADO

DISTRIBUIDAS NA REGIÃO

Por
DAVID & DAVID, LDA
TELEFONES
Res. ESTABELECIMENTO Res.
52676 53431 53107

FIGUEIRÓ DOS VINHOS
TELEF. 52676

DRª JÚLIA VERÍSSIMO

Médica dos Olhos

Consultas às Segundas Feiras
(A Partir das 14.00 h)
Marcações Telef. 52105

Figueiró dos Vinhos
(Junto à Florista)
ou (039) 711326 Coimbra

TRABALHADOR AGRÍCOLA

Precisa-se, para pequena Quinta em Tomar. Que saiba trabalhar com tractor e tenha conhecimentos de cultivo de horta e tratamentos de pomares.

Dá-se preferência a casal. Dá-se casa para habitação.

Respostas para:

Apartado 33
2301 TOMAR Codex
Telefone: 049-322064

VENDE-SE

NO ENGENHO - CHIMPELES FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Casa de habitação com 4 assoalhadas, 2 c/banho, 2 lojas, luz, água e telefone.

Outra casa com lagar de azeite tudo em muito bom estado de conservação, com terras de regadio e mato com pinheiros.

Fica num local maravilhoso junto à Ribeira de Alge com estrada alcatroada à porta e próximo do itenerário da IC8.

CONTACTAR pelo telefone (059) 72162/ 75588 de Vila Real depois das 20 horas e (036) 52360 de Figueiró.

CAIXA DE CRÉDITO AGRÍCOLA MÚTUO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS, C.R.L.

AGORA COM SERVIÇO DE **BANCO COMPLETO**
nas novas instalações em Figueiró dos Vinhos

CONTAS AO DISPÔR:

DEPÓSITO À ORDEM • DEPÓSITO A PRAZO
POUPANÇA MEALHEIRO • POUPANÇA JOVEM
POUPANÇA REFORMADO • CONTA ESPECIAL EMIGRANTE
POUPANÇÂ À ORDEM • CONTA SERVIÇOS • RENDIMENTO MENSAL
• CONSTITUIÇÃO DE SOCIEDADES

CARTÃO MULTIBANCO • CARTÃO VERDE GARANTIA • VISA

INVESTIMENTOS NA BOLSA
(TITULOS E PARTICIPAÇÕES)
CÂMBIOS

CREDITOS PARA:

AGRICULTURA • FLORESTA • PECUÁRIA
• AGRO INDUSTRIAIS • AGRO-ALIMENTARES
• AGRO-TURISMO • TURISMO RURAL • JOVENS AGRICULTORES

ELABORAÇÃO DE PROJECTOS COM TÉCNICO ADEQUADO À:

AGRICULTURA • PECUÁRIA • SILVICULTURA E ARTESANATO
• DESENVOLVIMENTO DO COMÉRCIO (PROCOM)
• APOIO ÀS PEQUENAS E MÉDIAS INDUSTRIAIS (PEDIP II)

UM APOIO DIFERENTE AOS SEUS INVESTIMENTOS

OFERECEMOS-LHE AS MELHORES TAXAS DE JURO

CONSULTE-NOS:

Sede: Rua Major Neutel de Abreu - 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Telefs. (036) 52564/52857 - FAX 53263
Agências: CABAÇOS (Alvaiázere) — Telef. (036) 36412 — FAX 36315
PEDRÓGÃO GRANDE — Telef. (036) 46328 — FAX 46210

RESIDENCIAL MALHOA

3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

TELEF. 52360

Rua Major Neutel de Abreu
Edifício Nelson (ao Barreiro)

• QUARTOS COM CASA DE BANHO PRIVATIVA
• AQUECIMENTO CENTRAL
• EM AMBIENTE DE SOSSEGO

VENDE-SE

Em Fontão Fundeiro, casa de habitação com 2º andar e com 80 terrenos de semeadura, oliveiras e videiras, pinheiros e eucaliptos.

Informa

J. S. SIMÕES

Rua Lourenço Marques, 66-2º Esq.
4445 ERMESINDE
Telef. 9733275

HELDER SANTOS

Representações/Serviços

*** Mobil**
Lubrificantes
*** Olivetti e Toshiba**
Equipamentos de Escritório
*** Handy**
Mobiliário de Escritório
*** Wasteels**
Viagens
*** Fountain e Tecnomatic**
Máq. de Catering e Vending (dist. automática)
*** Mundial Confiança**
Seguros

*

Helgest
Contabilidade, Fiscalidade Serviços

Carameleiro - 3260 Figueiró dos Vinhos
Telefone - (036) 52633 Fax (036) 53371

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

A CARGO DA NOTÁRIA, LIC. MARTA MARIA FERREIRA AGRIA FORTE

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura outorgada hoje neste Cartório e exarada a folhas 26 e seguintes do livro de notas 4-D, ANTÓNIO ANTUNES RODRIGUES e mulher ILDA ROSA DOS SANTOS, casados sob o regime de comunhão geral, naturais da freguesia de Arega deste concelho, onde residem em Brejo, AFIRMARAM:

Que são com exclusão de outrém donos e legítimos possuidores dos dez prédios que se encontram descritos numa relação de bens organizada nos termos do artigo sessenta e quatro do Código do Notariado, que faz parte integrante desta escritura, que aqui dou como inteiramente reproduzida e que arquivo.

Que os mencionados prédios vieram à titulariedade deles Justificantes por os haverem possuído em nome próprio e durante mais de vinte anos, sem a menor oposição de quem quer que seja desde o início, posse que sempre exerceram ostensivamente com o conhecimento de toda a gente do lugar e a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário pleno cultivando o terreno de cultura, colhendo a resina dos pinheiros, cortando e plantando árvores, habitando a casa, efectuando obras de conservação, extraíndo de cada um dos prédios todas as suas utilidades, pelo que sendo uma posse pacífica, pública, contínua e de boa fé, durante aquele período de tempo adquiriram os prédios por usucapião.

PRÉDIOS
SITUADOS NA FREGUESIA DE AREGA,
CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

NÚMERO UM

Terreno de cultura sequeiro e terra de vinha, vinte e duas oliveiras e vinte metros em latada, sito em Brejo de Baixo, com a área de três mil trezentos e dez metros quadrados, a confrontar do norte com José Borges Almeida, nascente António Rosa de Freitas, sul António Morais da Silva e poente Ribeiro, inscrito na matriz sob o artigo QUATRO MIL E QUARENTA E OITO, com o valor patrimonial de oito mil e sessenta e sete escudos, ao qual foi atribuido o valor de cinquenta mil escudos.

NÚMERO DOIS

Terreno de eucaliptal, sito em Borralheiras, com a área de mil e quatrocentos metros quadrados, a confrontar do norte com o caminho, nascente António Rosa de Freitas, sul José Teixeira Júnior e poente Maria do Céu Cotrim dos Santos, inscrito na matriz sob o artigo QUATRO MIL QUATROCENTOS E VINTE E UM, com o valor patrimonial de dois mil cento e setenta e um escudos, ao qual foi atribuído o valor de trinta mil escudos.

NÚMERO TRÊS

Terreno de pinhal e mato, sito em Luzio, com a área de dois mil e quatrocentos metros quadrados, a confrontar do norte com Maria do Céu dos Santos Cotrim, nascente e sul com João Cotrim dos Santos e ponte Ribeiro, inscrito na matriz sob o artigo SETE MIL SETECENTOS E OITENTA E QUATRO, com o valor patrimonial de dois mil duzentos e cinquenta e cinco escudos, ao qual foi atribuído o valor de vinte mil escudos.

NÚMERO QUATRO

Terreno de eucliptal, sito em Covinha, com a área de quatro mil seiscentos e quarenta metros quadrados, a confrontar do norte com Dr. José Fernandes Manso, nascente Alfredo Nunes e outro, sul Ribeiro e poente Juvenal Tainha da Costa, inscrito na matriz sob o artigo SETE MIL SETECENTOS E OITENTA E NOVE, com o valor patrimonial de sete mil cento e vinte e nove escudos, ao qual foi atribuído o valor de cinquenta mil escudos.

NÚMERO CINCO

Terreno de pinhal e mato, sito em Vitoreira, com a área de oitocentos e quarenta metros quadrados, a confrontar do norte com António da Silva nascente Divisa do Distrito, sul Dr. José Fernandes Manso e poente José Borges de Almeida, inscrito na matriz sob o artigo SETE MIL OITOCENTOS E SETE, com o valor ptrimonial de quatrocentos e cinquenta e seis escudos, ao qual foi atribuído, o valor de dez mil escudos.

NÚMERO SEIS

Terreno de pinhal e mato, sito em Vitoreira, com a área de dois mil metros quadrados, a confrontar do norte com António Maria Gomes da Silva, nascente Divisa do Distrito, sul João Cotrim dos Santos e poente Sebastião da Conceição Guimarães, inscrito na matriz sob o artigo SETE MIL OITOCENTOS E VINTE E TRÊS, com o valor patrimonial de oitocentos e quatro escudos, ao qual foi atribuído o valor de dez mil escudos.

NÚMERO SETE

Terreno de eucaliptal, sito em Selada da Cova, com a área de mil duzentos e quarenta metros quadrados, a confrontar do norte com o caminho, nascente Maria da Conceição Carvalho, sul José Antunes Carvalho e poente António Claudino, inscrito na matriz sob o artigo OITO MIL DUZENTOS E SETENTA E QUATRO, com o valor patrimonial de mil novecentos e três escudos, ao qual foi atribuído o valor de vinte mil escudos.

NÚMERO OITO

Terreno de eucaliptal, sito em Castanheirinho, com a área de mil e oitenta metros quadrados, a confrontar do norte com o caminho, nascente António Claudino, sul José Antunes de Carvalho e poente António José dos Reis, inscrito na matriz sob o artigo OITO MIL DUZENTOS E SETENTA E SEIS, com o valor patrimonial de mil seiscentos e sessenta e dois escudos, ao qual foi atribuído o valor de vinte mil escudos.

NÚMERO NOVE

Terreno de eucaliptal, sito em Castanheirinho, com a área de dois mil e quatrocentos metros quadrados, a confrontar do norte com o caminho, nascente António José dos Reis, sul José Antunes de Carvalho e poente herdeiros de Manuel Antunes, inscrito na matriz sob o artigo OITO MIL DUZENTOS E SETENTA E OITO, com o valor patrimonial de três mil seiscentos e noventa e nove escudos, ao qual foi atribuído o valor de quarenta mil escudos.

NÚMERO DEZ

Uma casa de habitação de rés do chão e primeiro andar, sita em Brejo, com a área de setenta metros quadrados, a confrontar do norte, nascente, sul e poente com o próprio, inscrito na matriz sob o artigo mil cento e oitenta e dois, com o valor patrimonial de dois mil quinhentos e setenta e cinco escudos, ao qual foi atribuído o valor de cinquenta mil escudos.

Todos os prédios acima descritos encontram-se omissos na Conservatória do Registo Predial de Figueiró dos Vinhos.

Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos aos treze dias do mês de Outubro de mil novecentos e noventa e cinco.

CONFERIDO, está conforme o original.

Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos, 13 de Outubro de 1995.

O Ajudante; (Constantino Agria Batista)

(Jornal de Figueiró dos Vinhos Nº 164, Outubro, 1995)

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE CASTANHEIRA DE PÊRA

A CARGO DA ADJUNTA DESTACADA, LICENCIADA MARIA DO CARMO RATÃO PORTUGUÊS

JUSTIFICAÇÃO

CERTIFICO narrativamente, para fins de publicação que neste Cartório Notarial e no livro de notas para escrituras diversas número "VINTE E DOIS-A", de folhas setenta e oito verso a oitenta, se encontra exarada uma escritura de Jutificação Notarial, datada de doze de Setembro de mil novecentos e noventa e cinco, na qual FERNANDO MACEDO HENRIQUES e mulher, MARIA PRECIOSA FRANCISCO MORAIS MACEDO, casados no regime da comunhão de adquiridos, residentes na Rua de São Pedro, número oito, quarto andar, em Lisboa; DECLARARAM:

Que são donos e legítimos possuidores com exclusão de outrém, de um prédio rústico, sito no Soeiro, freguesia e concelho de Castanheira de Pêra, composto de terreno com pinheiros e mato, com a área de onze mil cento e cinquenta metros quadrados, a confrontar do norte com o caminho, nascente com Jesuíno Bernardo e Manuel Carlos Henrique, sul com a estrada e poente com Juvenal Antunes Joaquim, omisso na Conservatória do Registo Predial de Castanheira de Pêra, inscrito na respectiva matriz em nome do justificante marido sob o artigo 19.381, com o valor patrimonial e o atribuído de vinte e um mil e duzentos escudos.

Que são possuidores há mais de vinte anos, não tendo no entanto qualquer título formal que legitime a posse de tal prédio.

Que não obstante isso têm usufruído do mesmo prédio de todas as utilidades por ele proporcionadas, tendo procedido à plantação de pinheiros e corte dos mesmos, assim como ao corte do mato, pagando os respectivos impostos quando devidos, com âmbito de quem exercita direito próprio, sendo reconhecidos como seus donos por toda a gente do lugar, fazendo-o de boa fé por ignorarem lesar direito alheio, pacífica, pública e contínua, porque sem violência e oposição de ninguém, à vista e com o conhecimento de toda a gente.

Que dadas as características de tal posse, eles primeiros outorgantes, adquiriram o respectivo imóvel por usucapião, título este que não é susceptível de ser comprovado pelos meios normais.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Castanheira de Pêra, quinze de Setembro de mil novecentos e noventa e cinco.

O Ajudante do Cartório Notarial,
(Eduardo Bebiano Antunes)

(Jornal de Figueiró dos Vinhos Nº 164, Outubro, 1995)

"ANTUNES, ELIAS & MARTINS, LDA"

Sede: Rua Luís Quaresma, 18-1º — FIGUEIRÓ DOS VINHOS

CONSERVATÓRIA DO REGISTO COMERCIAL DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Nº de Matrícula 00391/090395 Nº de Identif. de P. Colectiva 503 365 017
Nº de Inscrição Nº 2 Nº e data de Apresentação 01/171095

Lic. ANTÓNIO AGOSTINHO FERNANDES DE SÁ; Conservador Interino da Conservatória do Registo Comercial de Figueiró dos Vinhos,

CERTIFICA QUE: Foi alterado o contrato social da sociedade em epígrafe, tendo os artigos 3º e 9º do respectivo contrato, ficado com a seguinte redacção:

ARTIGO 3º

O capital social é de SEISCENTOS MIL ESCUDOS, integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de quatro quotas de 150.000$00, cada uma, pertencentes a cada um dos sócios: José Fernando Paiva Antunes; José Elias dos Santos Martins; Manuel Martins da Silva; e Valdemar Gomes António, c.c. Natalina Pereira Leal Gomes, na c. adquiridos, tendo entrado agora para a sociedade e ter sido nomeado gerente da mesma.

ARTIGO 9º

Qualquer sócio poderá celebrar contrato de suprimentos com a sociedade nos termos legais e nas condições a acordar pelos sócios em assembleia geral.

O texto actualizado do contrato na sua redacção actualizada, ficou depositado na pasta respectiva.

Está conforme o original e contém uma folha.

Figueiró dos Vinhos e Conservatória do Registo Comercial, em 17/10/95.

O Conservador, Interino,
(Lic. António Agostinho Fernandes de Sá)

(Jornal de Figueiró dos Vinhos Nº 164, Outubro, 1995)

NOTARIADO PORTUGUÊS
CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
A CARGO DA NOTÁRIA LIC. MARTA MARIA FERREIRA AGRIA FORTE

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura outorgada hoje neste Cartório e exarada a folhas 63 verso e seguintes do livro de notas 49-B, ALBANO DA GRAÇA SANTOS e mulher CESALTINA HENRIQUES SIMÕES, casados sob o regime de comunhão geral, naturais da freguesia de Campelo, concelho de Figueiró dos Vinhos onde residem em Vilas de Pedro, AFIRMARAM:

Que são com exclusão de outrém donos e legítimos possuidores do prédio seguinte sito na freguesia de Campelo, concelho de Figueiró dos Vinhos:

Terra de cultura com oliveiras, sita em Atrás da Capela, com a área de trezentos e vinte metros quadrados e que confronta do norte com Marcolino das Dores Santos, nascente com Guilherme António, sul com Albano Simões Abreu e do poente com herdeiros de Manuel Henriques, inscrito na matriz em nome do justificante marido sob o artigo **15.023** com o valor patrimonial de 1.099$00, omisso na Conservatória do Registo Predial deste concelho e ao qual atribuem o valor de vinte mil escudos.

Que o mencionado prédio veio à titulariedade deles Justificantes por o haverem possuído em nome próprio e durante mais de vinte anos, sem a menor oposição de quem quer que seja desde o início, posse que sempre exerceram ostensivamente com o conhecimento de toda a gente do lugar e a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário pleno cultivando o terreno, apanhando a azeitona, extraindo do prédio todas as suas utilidades, pelo que sendo uma posse pacífica, pública, contínua e de boa fé, durante aquele período de tempo adquiriram o prédio por usucapião.

Nestas circunstâncias impossibilitados estão eles Justificantes de comprovar pelos meios extrajudiciais normais a aquisição do referido prédio para o efeito de o registarem a seu favor na competente Conservatória do Registo Predial.

CONFERIDO, está conforme o original.

Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos, aos 25 de Setembro de 1995.

O Ajudante;
(Constantino Agria Batista)

(Jornal de Figueiró dos Vinhos Nº 164, Outubro, 1995)

NOTARIADO PORTUGUÊS
CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
A CARGO DA NOTÁRIA LIC. MARTA MARIA FERREIRA AGRIA FORTE

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura outorgada hoje neste Cartório e exarada a folhas 65 e seguintes do livro de notas 49-B, MARCOLINO DAS DORES SANTOS e mulher ZULMIRA DA GRAÇA SANTOS, casados sob o regime de comunhão geral, naturais da freguesia de Campelo, deste concelho, onde residem em Vilas de Pedro, AFIRMARAM:

Que são com exclusão de outrém donos e legítimos possuidores do prédio seguinte sito na freguesia de Campelo, concelho de Figueiró dos Vinhos:

Terra de cultura com quinze oliveiras, sita em Atrás da Capela, com a área de trezentos e vinte metros quadrados e que confronta do norte com casa da escola, nascente com José da Costa Pedro e outros, sul com Albano Simões Abreu e do poente com Ludovina das Neves, inscrita na matriz em nome do justificante marido sob o artigo **15.022** com o valor patrimonial de 1.448$00, omisso na Conservatória do Registo Predial deste concelho e ao qual atribuem o valor de vinte mil escudos.

Que o mencionado prédio veio à titulariedade deles Justificantes por o haverem possuído em nome próprio e durante mais de vinte anos, sem a menor oposição de quem quer que seja desde o início, posse que sempre exerceram ostensivamente com o conhecimento de toda a gente do lugar e a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário pleno cultivando o terreno, apanhando a azeitona das oliveiras, extraindo do prédio todas as suas utilidades, pelo que sendo uma posse pacífica, pública, contínua e de boa fé, durante aquele período de tempo adquiriram o prédio por usucapião.

Nestas circunstâncias impossibilitados estão eles Justificantes de comprovar pelos meios extrajudiciais normais a aquisição do referido prédio para o efeito de o registarem a seu favor na competente Conservatória do Registo Predial.

CONFERIDO, está conforme o original.

Cartório Notarial de Figueiró dos Vinhos, aos 25 de Setembro de 1995.

O Ajudante;
(Constantino Agria Batista)

(Jornal de Figueiró dos Vinhos Nº 164, Outubro, 1995)

DÃO-SE
EXPLICAÇÕES DE MATEMÁTICA
★★★
DO 5º ANO AO 12º
CONTACTAR PELO TELEF. 53662

VENDE-SE
Casa de Habitação e terreno para construção, já urbanizado.
Nesta Redacção se informa ou pelo Telef. (036) 42499.

NOTARIADO PORTUGUÊS
CARTÓRIO NOTARIAL DO CONCELHO DE FIGUEIRÓ DOS VINHOS
A CARGO DA NOTÁRIA LIC. MARTA MARIA FERREIRA AGRIA FORTE

CERTIFICO para efeitos de publicação que por escritura outorgada hoje neste Cartório e exarada a folhas 68 e seguintes do livro de notas 34-C, ANTÓNIO SIMÕES, que também é conhecido e usa o nome de ANTÓNIO SIMÕES NOVO e mulher CAROLINA D' ASSUNÇÃO SILVA, casados sob o regime de comunhão geral, naturais, ele da frEguesia de Maçãs de D. Maria, concelho de Alvaiázere e ela da freguesia de Aguda deste concelho, onde residem em Lomba da Casa, AFIRMARAM:

Que são com exclusão de outrém donos e legítimos possuidores do prédio seguinte, situado na freguesia de Aguda, concelho de Figueiró dos Vinhos:

Terra de centeio e pastagem com dezassete tanchas e trinta videiras em cordão e uma laranjeira, sita em Ladeira da Fonte, com a área de quinhentos metros quadrados que confronta do norte com António Joaquim da Silva, nascente e sul com o caminho e poente com João Jorge, inscrito na matriz em nome da terceira outorgante devido à liquidação da sisa sob o artigo 16.652 com o valor patrimonial de 1.555$00 e omisso na Conservatória do Registo Predial deste concelho a que atribuem o valor de cem mil escudos.

O prédio anteriormente encontrava-se inscrito na matriz em nome do justificante marido.

Que o referido prédio veio à titulariedade deles justificantes por o haverem possuído em nome próprio e durante mais de vinte anos sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o início, posse que sempre exerceram ostensivamente com o conhecimento de toda a gente do lugar e a prática reiterada dos actos habituais de um proprietário pleno semeando a terra, colhendo os seus frutos, extraindo do prédio todas as suas utilidades, pelo que sendo uma posse pacífica, pública, contínua e de boa fé, durante aquele período de tempo adquiriram o prédio por usucapião.

Nestas circunstâncias impossibilitados estão eles justificantes de comprovar pelos meios extrajudiciais normais a aquisição do referido prédio para o efeito de o registarem a seu favor na competente Conservatória do Registo Predial.

CONFERIDO, está conforme o original.

Cartório Notarial de Figueiró do Vinhos, 21 de Setembro de 1995.

O Ajudante;
(Constantino Agria Batista)

(Jornal de Figueiró dos Vinhos Nº 164, Outubro, 1995)

LENDA DO VERÃO DE S. MARTINHO

(11 de Novembro)

Núm dia tempestuoso ia S. Martinho, valoroso soldado, montado no seu cavalo, quando viu um mendigo quase nu, tremendo de frio, que lhe estendia a mão suplicante e gelada.

S. Martinho não hesitou: parou o cavalo, poisou a sua mão carinhosamente na do pobre e, em seguida, com a espada cortou ao meio a sua capa de militar, dando metade ao mendigo.

E, apesar de mal agasalhado e de chover torrencialmente, preparava-se para continuar o seu caminho, cheio de felicidade.

Mas, subitamente, a tempestade desfez-se, o céu ficou límpido e um sol de Estio inundou a terra de luz e calor.

Diz-se que Deus, para que se não apagasse da memória dos homens o acto de bondade praticado pelo Santo, todos os anos, nessa mesma época, cessa por alguns dias o tempo frio e o céu e a terra sorriem com a bênção dum sol quente e miraculoso.

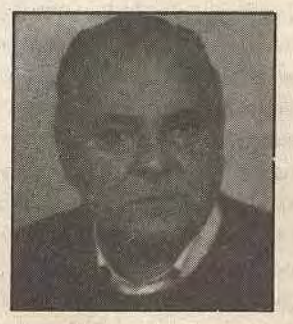
Lenda tradicional,
recolhida por Fernando Cardoso

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

MANUEL DA SILVA FURTADO

23/9/95

AGRADECIMENTO



Suas filhas, genros e netos, vêm por este meio agradecer muito reconhecidamente a todas as pessoas que lhes manifestaram o seu pesar pelo infausto acontecimento e bem assim a quantos tiveram a bondade de o acompanhar à sua última morada e a todos os que se interessaram pelo seu estado de saúde, durante a sua doença.

A todos o nosso eterno agradecimento.

COIMBRA

PARTICIPAÇÃO E AGRADECIMENTO ANTÓNIA BATISTA CARAPITO

Faleceu em 03-10-1995

Seu marido, filhos, noras e netos, vêm por este meio, agradecer a todas as pessoas que, de alguma maneira, lhes manifestaram o seu pesar, e bem assim a todos quantos acompanharam à última morada aquele seu ente querido.

A todos o eterno reconhecimento da família.

ABÍLIO ANTUNES PINTO

Almofala de Baixo
Faleceu a 3/ 9/ 95
AGRADECIMENTO

Seus filhos, Virgínia Lopes Pinto, Mário Lopes Pinto e Acúrcio Lopes Pinto, genro, noras, netos e bisneto vêm por este meio manifestar o seu profundo agradecimento a todas as pessoas que se dignaram unir-se à sua dor, visitando ou acompanhando à sua última morada o seu ente querido.

MARIA DO CÉU FAUSTINO MANO

DOURO

15 de Outubro de 1995

Há 4 anos que partiste para o Pai, deixando aqueles que contigo partilhavam alegrias e tristezas e que de ti sentem saudades.

Resta-nos a feliz esperança de um dia nos encontrarmos na morada eterna.

ANTÓNIO ANTUNES FERREIRA

CABEÇAS

10/10/1993 — 10/10/1995
Dois anos de eterna saudade

Que Deus Nosso Senhor tenha a tua alma em descanso.
Eterna recordação da esposa, filha, genro e netos.

JOÃO PORTELA BRUNO

Querido filho:

É Novembro, mês das Benditas almas, em que recordamos ainda com mais saudade aqueles que partiram e nos deixaram tão tristes.

A minha vida mudou tanto desde que o Senhor te levou, que o meu coração está desfeito de saudades.

A cada instante recordo a cor dos teus olhos, lindos, azuis como o céu e peço a Deus que eles olhem por mim e para mim.

Beijos da tua mãe

Assunção

SOBRE AS GUERRAS COLONIAIS

Cont. da 1ª Pág.

e de mau nos territórios de além-mar.

Hoje, os habitantes da "aldeia planetária" estão muito mais próximos do que há vinte anos atrás. Isso não invalida o que poderá vir a ser uma crescente descoberta do que foi a presença portuguesa no Mundo, particularmente no continente africano.

Não pode este trabalho, porém, ser tomado como um qualquer julgamento. Pode, sim, ser encarado como mais uma tentativa para ajudar a romper o relativo silêncio sobre as relações, multifacetadas, e em inúmeros casos traumáticas, entre os Portugueses e os povos africanos sob a sua tutela, em tempos ainda não longínquos.

Quando sublinhamos as fraquezas do colonialismo português, não será só por motivos de objectividade necessária, mas também por julgarmos adivinhar que um futuro mais promissor, tanto a nível económico como social, são os desejos de quase todos os Portugueses, para com as populações do ex-Ultramar.

Infelizmente, as independências adquiridas após longa luta armada, e no seguimento do golpe militar de Abril de 1974, têm permanecido um terrível logro até à actualidade, nos seus objectivos de dignificação total, do quotidiano de milhões de pessoas.

Contudo, quaisquer que sejam as reservas que nos inspirem as lideranças políticas instauradas nas antigas colónias, devemos reconhecer que estiveram alguns dos seus chefes e mentores na base de um despertar na esperança, dos povos em cujo seio nasceram.

Ainda hoje é difícil julgar, com serenidade, o papel da colonização portuguesa em África. Houve, evidentemente, excessos. Alguns até graves, particularmente os de natureza militar. Caberá, para bem da Justiça, afirmar que, em inúmeros casos de injustiça ou de brutalidade, houve também, entre os Portugueses, vozes ilustres que defenderam, bem alto e intransigentemente, os direitos atropelados dos mais fracos.

Se houve barbaridades, se houve toda a espécie de violências, por parte de civis e militares portugueses, no intuito primário de retirar desses territórios o máximo de riquezas e de lucros, também haverá, naturalmente, que não olvidar os esforços de várias gerações de Portugueses que, por fruto de desenraízamento das suas origens europeias, conseguiram, num admirável esforço com as populações africanas, erguer magníficas cidades, onde só havia matagal.

Apesar disso, o esforço em benefício dos indígenas foi praticamente inexistente até aos anos 60.

Mesmo o notável crescimento económico das colónias, a partir desse período, foi um fruto apodrecido da crise colonial.

Emergências da História...

As colónias tiveram um papel relevante no desenvolvimento do capitalismo português, ao longo dos últimos anos do século passado.

Nessa fase, a sua função de fornecedora de escravos estava, de há muito, ultrapassada, facto pelo qual, face à sua missão na nova ordem económica, havia que pacificar as regiões com populações agitadas pelas pressões dos novos interesses europeus.

De facto, após numerosas campanhas militares, foi conseguida uma considerável diminuição das rebeliões, que se iam estendendo por vastas áreas da África Portuguesa, o que veio a permitir um relativo êxito na instalação de Portugueses, particularmente em Angola e Moçambique, em actividades ligadas à agricultura e ao comércio.

Assim, em 1900, já havia, em Angola, cerca de vinte mil emigrantes europeus, que ajudavam a permitir a entrada no país, de mais de 33000 toneladas de matérias-primas coloniais, na sua maior parte destinadas à reexportação. Foi neste período de início de século, que os recursos naturais de Moçambique começaram a ser, de forma ávida e com tendências de exclusividade, explorados por potentados ingleses, de que se destacavam a Companhia de Moçambique, a Companhia da Zambézia e a Companhia do Niassa, tornando-se a colónia, também, uma fornecedora de trabalhadores para as minas do Rand, na África do Sul, a partir de 1909.

Contudo, a fixação das companhias inglesas em Moçambique foi, sem dúvida, um factor importante de atracção da emigração portuguesa para o território.

A par da enorme emigração para o Brasil, foi efectivamente o fomento da exploração colonial que alicerçou a prosperidade comercial e industrial, iniciada na última década do século XIX e, naturalmente, o encorajamento dos capitalistas portugueses.

Mais que isso, as explorações coloniais da viragem do século estiveram na base de transformações sócio-políticas, que levaram ao derrube da Monarquia e à instauração da República.

A segunda vaga emigratória para as colónias pode situar-se entre 1916 e 1920, graças a alguma imaginosa política colonial republicana, particularmente liderada pelo general Norton de Matos, em Angola.

No plano das iniciativas empresariais, saliente-se a CUF que, nascida nos finais do século XIX, pelas mãos de Alfredo da Silva, no Barreiro, rapidamente começou a apostar nas oleaginosas da Guiné, embora não perdesse de vista a intensificação do comércio colonial, através da sua empresa de navegação "Sociedade Geral".

A "DIAMANG" conseguiu o exclusivo da exploração de diamantes em Angola, a partir de 1921. Em 1926, foi fundado o Banco de Angola. A Empresa Mineira do Lobito também surgiu neste período.

O desenvolvimento da indústria fabril metropolitana, nomeadamente a partir dos anos 20, teve também uma relação directa com os mercados coloniais e com a protecção das pautas alfandegárias.

Se, em 1891, as colónias não importaram, no seu conjunto, mais de 100 contos de produtos têxteis, em 1899 as suas aquisições à Metrópole ultrapassaram os 2300 contos.

Simultaneamente e por regra, os produtos coloniais, que a Metrópole reexportava para o estrangeiro, vieram a permitir a criação de algumas empresas de navegação.

A título exemplificativo, vejamos o quadro abaixo, em contos:

1891	1897	Aumento	Rúbricas
39509	40425	816	IMPORTAÇÃO
21379	27319	5940	EXPORTAÇÃO
3951	6283	2338	REEXPORTAÇÃO

Contudo, se as actividades de aproveitamento das riquezas coloniais iam merecendo o melhor optimismo dos industriais e comerciantes portugueses, já os múltiplos actos isolados de rebelião, nos diversos territórios africanos, eram objecto das maiores preocupações, não só dos empresários, mas também das autoridades civis e militares.

Se a cobiça sobre os territórios ultramarinos, por parte das grandes potências, foi, de todo, evidente durante um largo período, a presença portuguesa também trazia dificuldades, por outro lado e de vária ordem, no que se refere à forma tradicional de vida dos indígenas.

Deste modo, a soberania portuguesa passou por dificulddes tremendas ao longo do último quartel do século XIX, arrastando-se até aos anos 20, a necessidade de enviar forças expedicionárias para Angola, Guiné e Moçambique.

***

Num lúcido relatório, publicado em 1895, pelo Boletim da Sociedade de Geografia, de autoria de D. António Barroso (1854-1918), missionário em Angola desde 1880 e bispo do Porto desde 1899, retiramos o seguinte:

"... Hoje é ocioso discutir a conveniência das missões entre povos selvagens; uma larga experiência veio confirmar o que aliás a razão ensinava. O Estado aufere delas os maiores benefícios, tornando-as, já instrumentos de civilização que tem obrigação de promover entre os povos sujeitos ao seu domínio, já documentos de ocupação efectiva que o direito internacional exige, como a única legítima para a afirmação da soberania; bem ou mal os direitos históricos e as grandes linhas traçadas na costa de África com tanto esforço, foram postas de parte. Mas, para que essas missões existam e possam produzir os benefícios que delas temos direito de exigir, é preciso, é indispensável que o Estado as auxilie de um modo eficaz, ainda que o mais economicamente possível...".

Outro profundo conhecedor dos problemas da África Portuguesa e contemporâneo de D. António Barroso, António Enes (1848-1901), político e jornalista, bem como comissário régio em Moçambique, entre 1891 e 1896, teve, também, um papel fundamental na defesa dos interesses coloniais e das populações indígenas: "... As soberanias europeias têm deveres tutelares para com os povos selvagens, que lhes obedecem. O primeiro desses deveres é educá-los, e as religiões possuem uma acção educativa e disciplinar que nenhuma ciência e nenhuns processos pedagógicos podem igualar. Não se melhoram e nem sequer se governam massas humanas sem ideias morais, e o Estado, que na própria Metrópole incumbiu à Igreja a representação activa dessas ideias, não lha pode tirar nas colónias, para a entregar aos seus soldados e às suas autoridades, personificações da força e da lei, que vencem e impõem sem convencer, aos seus juízes, que castigam o mal sem incitarem ao bem, ou aos seus professores que ensinam a letra sem o espírito...".

Estes dois grandes vultos do século XIX não denunciavam por acaso a situação de ostracismo quase absoluto em que se encontravam as populações de além-mar.

De facto, o trabalho missionário, através do qual seria possível alguma acção educativa junto dos indígenas, encontrava-se, no dealbar do século XIX, na situação mais lamentável, dada a sua desorganização e a falta de protecção política e financeira, por parte do Estado.

O decreto republicano de extinção das ordens religiosas, ao estender-se ao Ultramar, foi também, de todo, deplorável, já que a laicisação do ensino indígena que se lhe seguiu, nada melhorou, piorando até, na sequência de inúmeros erros de organização e de ausências de apoios financeiros.

Não obstante os intermináveis decretos, alvarás e portarias, que tentaram regulamentar o ensino indígena nas colónias, os resultados conseguidos nos finais do século XIX e princípios do século XX, eram os que apresentamos, no quadro abaixo:

Colónias	Ano lectivo	Nº Alunos	Nº Escolas
MOÇAMBIQUE	1899/1900	1215	66
ANGOLA	1898/1899	1845	68
GUINÉ	1899/1900	299	10
CABO VERDE	1899/1900	4614	69
S. TOMÉ E PRÍNCIPE	1899/1900	282	11

Como se pode depreender pelos números, o analfabetismo das populações coloniais acima referidas, atingia claramente proporções pavorosas.

Se os problemas de educação e de valorização técnico-profissional das populações africanas inviabilizaram a sua melhoria de vida, económica e social, vejamos agora o papel dos indígenas no mundo do trabalho colonial.

É sabido que, ainda hoje, o hábito do trabalho inveterado é uma das consequências fatais das inúmeras necessidades, que escravizam a sociedade de consumo. A raça, cujas capacidades de trabalho e de produção, mais contestadas e discutidas têm sido sempre, é sem qualquer dúvida, a raça negra.

Há cem anos, era muito mais que hoje, voz corrente, que os pretos livres jamais trabalhavam, senão obrigados pelas maiores necessidades. Esta ideia era justificada na fertilidade tropical, em que, o indígena, com a maior das facilidades, realizava os seus níveis de conforto, sem necessidade de trabalhar nas fábricas, nos campos ou nas minas, dirigidas pelos portugueses.

Mas, vejamos o que dizia Oliveira Martins, que era declaradamente partidário do regime obrigatório de trabalho, para o indigenato:

"... Evidentemente que o negro trabalha sem ser necessário escravizá-lo. São marinheiros o Cabinda e o Krumano a bordo dos navios da carreira de África; são trabalhadores rurais os milhares de Cafres que os colonos do Natal empregam nas suas lavouras. Não basta, porém, afirmar isto; é necessário estudar as condições em que o negro trabalha. Os Krumanos e os Cabindas servem de grumetes, de cozinheiros e de marinheiros, o tempo que basta para comprarem o número de peças a que, na mucanda das suas terras, correspondem três ou quatro mulheres. Regalado ao Sol, inacessível à febre, chupando o seu cachimbo, o negro consolidou o seu trabalho. Tem um capital — mulheres que lhe dá o juro suficiente para viver como gosta, restabelecido na pátria, indiferente aos esplendores de Liverpool que visitou...".

De facto, a denominada "incurável preguiça do negro", era uma generalização aceite, embora sem fundamentos sérios, até mesmo em círculos cultos e superiores da sociedade. Isso não obstante o reconhecido labor de muitas populações africanas. Como se podia aceitar que fossem preguiçosas as tribos que se dedicavam, em exclusivo, ao transporte de cargas? É verdade que era visível, particularmente na longa bacia do rio Zaire, uma enorme repugnância pelo trablho, que se pensa ser o produto dos graves acontecimentos históricos naquela área, como os ataques dos europeus, na busca de escravos e, posteriormente, na requisição compulsiva de carregadores. Mas essa realidade contrastava com a intensa emigração de indígenas para as minas do Rand, na África do Sul.

De qualquer modo, o trabalho obrigatório foi uma violência escusada, que, ainda que permitindo maior velocidade do desenvolvimento das colónias, mostrou ao longo dos anos, efeitos perniciosos no seu futuro e no desenvolvimento social dos indígenas.

As colónias portuguesas não tiveram o problema da falta de mão-de-obra, existente noutras regiões colonizadas de África, facto que terá permitido, apesar de tudo, um regime de trabalho obrigatório mais suave. Desde a lei de 29 de Abril de 1875, que assegurava e garantia a liberdade dos indígenas nos territórios coloniais portugueses, passou, pelo menos oficialmente, a haver alguma vontade governativa exprimida através de diversos diplomas, em regulamentar o trabalho indígena. Essa vontade é visível num decreto de 26 de Novembro de 1899, em que, entre outras preocupações, ficou estabelecido o trabalho obrigatório: "... que desde muito tempo, havia necessidade de regular definitivamente, no interesse da civilização e do progresso das colónias, as condições de trabalho dos indígenas, de modo a assegurar-lhes com eficaz protecção e tutela, um proporcional e gradual desenvolvimento moral e intelectual que os torne cooperadores úteis de uma exploração mais ampla e intensa da terra, de que essencialmente depende o aumento da nossa riqueza colonial...". Esta lei estabelecia quatro diferentes formas de trabalho: obrigatório por contrato livre, obrigatório por contrato regulamentado, compelido e, finalmente, o correccional.

Evidentemente que não foi desta forma que se conseguiu inculcar na natureza indígena o que de nobre podia ter o direito ou a obrigação de trabalhar. Uma das disposições mais negativas deste decreto foi, sem dúvida, a que se referiu ao trabalho correccional no serviço de particulares. Deveu-se isso, evidentemente, à falta de dinheiro para obras públicas, que poderiam remunerar o trabalho indígena obrigatório, o que jamais poderia caucionar o gesto de beneficiar particulares com prestações de trabalho.

Relativamente aos castigos físicos, parecem estes ter tido maior banalização em Angola, talvez devido à mais constante insubmissão generalizada contra as prestações de trabalho, dos indígenas de Moçambique e até mesmo da Guiné.

Com a proclamação da República, em 1910, a melhoria das condições de vida dos indígenas das colónias portuguesas não se vislumbrou. De facto, logo em 1911, a publicação de uma nova lei sobre o trabalho indígena, mostrou-se bastante desfavorável para os nativos. No plano da moralização e educação, como já vimos, o encerramento de diversos centros de ensino e de protecção social, tradicionalmente entregues aos religiosos, votou as populações nativas a um abandono praticamente total. Face ao desastre, tentaram as autoridades republicanas, a partir de 1914, a recuperação dos esforços despendidos no passado. Mas a instabilidade governativa na Metrópole e o maior ou menor ambiente caótico a viver-se nas parcelas ultramarinas, impediram qualquer programação idónea, a favor dos nativos.

(continua)

A CONDIÇÃO FEMININA

Ao longo da História, de maneira geral, as sociedades permitiram à concentração, nas mãos dos homens, de praticamente todos os direitos, dignidades e profissões, reservando para as mulheres os papéis que mais conviessem à sua completa subalternidade.

E, de facto, até há umas dezenas de anos atrás, as mulheres, "grosso modo", não tinham grande importância social, para além das suas funções de mães e de esposas: para esse efeito eram preparadas desde a infância, ainda que isso acarretasse o mais vasto prejuízo dos seus justos e legítimos interesses pessoais.

Ou seja, desde que nasciam, a sua vida passava a girar em torno do eterno masculino: pai, irmãos e futuro marido.

A História recente testemunhou os finais do longo silêncio feminino, na assunção de uma nova significação social, pela equivalência de direitos e de deveres e pela pronta prestação de outros serviços à Humanidade, para além dos de mãe e de esposa.

A superioridade da força física e o predomínio intelectual masculinos, influenciaram, como já vimos, as leis e os costumes, remetendo o chamado "sexo fraco" para as necessidades de calar, obedecer e sofrer.

Contudo, as mulheres já beneficiam, em Portugal, dos mesmos direitos civis e políticos que os homens, demonstrando pública capacidade para quaisquer cargos administrativos e políticos, não restando à dúvida masculina mais do que render-se à evidência e legitimar o que é justo.

Esteve a educação na base da libertação das mulheres e foi, sem dúvida, o seu alicerce mais precioso para o edificar do exercício dos seus direitos civis, em igualdade com os homens.

Muitas mulheres conseguem ser, ao mesmo tempo, boas mães, boas esposas e boas profissionais, fazendo, simultâneamente, um excelente uso das suas autonomias, usufruindo perfeitamente os seus direitos cívicos.

Noutros tempos, era francamente frequente a preterição das mulheres, nas funções e cargos sociais do interesse masculino, deparando elas com contínuas dificuldades para prosseguir e atingir uma harmoniosa e integral educação.

A principal escola das mulheres era o lar paterno, o que provocava, evidentemente, situações de passividade e subalternidade. A vivência doméstica era , com efeito, o grande espaço da acção feminina.

As mulheres modernas tentam elevar-se da tradicional manutenção do lar até aos das instituições políticas e sociais, aparecendo a colaborar na administração das Freguesias e Municípios, disputando alguns lugares no Parlamento e nas Universidades e presidindo a toda a espécie de gestões empresariais.

Tentar travar esta corrente seria tão inútil como tentar parar o tempo...

O lugar das mulheres é em casa!...

Esta é, ainda, uma das afirmações, algo estereotípadas, de muitos opositores às reinvindicações femininas, talvez desconhecendo ou fingindo ignorar que estas já são o produto de um longo processo emancipalista.

Recriminam, com desdém, a afluência das mulheres às vias profissionalizantes, em directa concorrência com os homens, com a gravante de se desviarem dos seus tradicionais deveres domésticos, como esposas e mães exclusivas. Esquecem-se,contudo, que a transferência das tradicionais actividades femininas para o exterior, não tem significado que as mulheres tenham virado as costas aos seus lares.Diferentemente, elas têm conseguido estendê-lo aos seus locais de trabalho e à creche ou à escola dos filhos.

Actualmente, legiões de mulheres utilizam as suas potencialidades muito mais activamente, em todo o género de profissões, ultrapassando as restrições da vida doméstica.

São, por isso, mais felizes e, consequentemente, mais úteis a si próprias e ao mundo que as rodeia, se puderem pôr em prática as suas melhores qualidades e conseguirem manifestar a sua individualidade. Têm, como os homens, direito ao seu protagonismo na vida social, que, de modo algum, aqueles devem impedir.

A ser humano, seja homem ou mulher, não consegue evoluir responsavelmente, sem liberdade de pensamento e de acção.

Muitos dos casos de mulheres atoladas em tragicas situações de miséria e de sofrimento moral e físico, advêm das pesadas rédeas tradicionais que as condenaram, desde jovens, a serem tratadas como débeis mentais e incapazes de se orientarem no oceano da vida.

Em editorial sob o título "As Mulheres deste País", publicado no desaparecido "Diário de Lisboa", de 29 de Maio de 1973, denunciava José Saramago: ... Uma mulher que sobe ao desempenho de um cargo de responsabilidade deveria ter o direito de o fazer discretamente, sem que a sua condição de sexo prevalecesse sobre as reais razões da sua promoção. Doutra maneira, essa mulher (quem quer que seja) sentir-se-á na pele de fenómeno, excepção insólita numa regra que, no fundo se mantém intacta, pois, se não nos enganamos muito, a sua condição feminina irá sempre passar adiante do que deveria ser o normal desempenho das funções: em casos assim, a promoção da mulher não passa de simples flor, numa botoeira evidentemente masculina... A má consciência dos homens costuma aligeirar-se nestas condescendências, que não chegam sequer a valer o tempo de as enunciar. Repetimos que não está em causa a digníssima funcionária que, aos 67 anos, no termo de uma carreira decerto exemplar, é chamada a ocupar o lugar de vice-presidente de uma Câmara Municipal. O que, sobretudo, nos deveria importar a todos é a existência de milhares de mulheres (muitos milhares? poucos milhares?) que se prepararam ou estão preparando nas Universidades, donde vão sair ou saíram já com formação pelo menos tão boa como a dos seus colegas masculinos, e que, não obstante, ficarão no limiar das funções públicas de maior responsabilidade, apenas pela imediata razão de serem mulheres... De pouco adianta que uma mulher suba, de longe em longe, à berlinda do noticiário em termos de singularidade. Também não deveriam extrair-se do facto estas provas demasiado fáceis de que a promoção feminina continua em marcha: a verdade está aí diante de nós a desmentir-nos todos os dias, e as turbas da Fama empregariam melhor o seu tempo se explicassem ao País as razões por que, até hoje, nenhuma mulher foi presidente de Câmara Municipal e porque é tão raro vê-las, às mulheres, em lugares de responsabilidade administrativa...Desconfiança dos homens? Mas com que direito, se é tão frequente vê-los incompetentes, incapazes de organização, menos empenhados em servir o País de que em servirem-se a si próprios? Não há dúvida de que a confraria dos homens se defende bem; resta saber se a mulher continuará a dar-se por satisfeita em lugares de subalternidade e vice-presidência..."

Dá que pensar as humilhações que muitas mulheres sofrem ainda hoje, devido aos preconceitos sociais e ao desprezo tido pelo trabalho feminino, seja manual ou intelectual, exceptuando evidentemente as tarefas consideradas típicas do seu sexo.

Mais grave que isso, a ainda frequente argumentação sobre a inferioridade mental e física das mulheres face aos homens.

Na realidade, desde há poucos anos que elas têm tido oportunidade de medir com eles as suas capacidades pscicológicas e físicas.

POPULAÇÃO ACTIVA, POR PROFISSÕES E ESCALÕES ETÁRIOS EM 1992 (CONTINENTE)

(Em milhares)

	Até 24 anos		25 a 44 anos		45 a 64 anos		Mais 65 anos	
	Masc	Fem	Masc	Fem	Mas	Fem	Mas	Fem
Quadros Dirigentes	8	5	121	77	121	65	66	38
Intelectuais e Cientistas	4	6	100	107	28	24	13	4
Técnicos Intermédios	22	21	129	141	62	64	14	8
Empregados Administrat.	28	57	103	174	53	53	11	6
Empregados Comércio e Serviços	48	77	127	191	53	86	14	19
Trabalhadores Agricultura e Pescas	12	10	34	47	46	57	54	40
Trabalhadores da Indústria e Transportes	196	109	460	157	235	41	49	7
N.Qualificados	61	34	60	99	45	71	19	17

Fonte: INE - Inquérito ao Emprego

POPULAÇÃO ACTIVA POR PROFISSÕES E POR NÍVEIS DE INSTRUÇÃO EM 1992

(CONTINENTE) **Em Milhares**

	Nível de Instrução															
	Nenhum		Básico 1º Cicl		Básico 2º Cicl		Básico 3º Cicl		Secundário		Médio Polit		Superior Licenc		Superior Pós Grad	
	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M	H	M
Quadros Dirig.	30	51	146	84	37	15	42	17	30	9	7	2	21	6	1	1
Intelect. e Cient.	0	0	1	1	1	1	3	1	7	7	6	9	115	112	14	11
Técnicos Interm.	1	1	24	10	21	13	70	43	67	51	30	94	14	22	1	0
Admin.	3	2	40	32	36	42	68	117	44	87	2	7	2	3	0	0
Comércio e Serv.	5	47	103	170	56	83	55	48	21	20	1	2	1	1	0	0
Agric. e Pesc.	59	72	73	69	11	11	3	1	0	0	0	0	0	0	0	0
Ind.e Transp,	72	23	537	174	231	96	72	17	24	6	2	1	0	0	0	0
Não Qual.	34	46	87	125	44	34	14	13	5	3	0	0	0	0	0	0

FONTE: INE - Inquérito ao Emprego

Como se pode verificar na composição acima, existe uma tendência geral para a preponderância feminina, nomeadamente no trabalho assalariado e no trabalho independente, onde quase igualam os homens. Entre os patrões, os homens monstram uma superioridade numérica muito evidente...

Ao longo do último vinténio a sociedade portuguesa passou por transformações muito profundas, nomeadamente no que se refere à profissionalização das mulheres e ao aumento da escolaridade.

O crescimento da taxa de actividade feminina foi, ao longo destes vinte anos superior ao da maior parte dos outros países europeus. Em 1990, a taxa de actividade feminina, na faixa etária dos 20 aos 59 anos, atingia os 64%, quando a média na Comunidade Europeia não ultrapassava os 61%. Mesmo outros países do Sul da Europa não surgiam com valores próximos, como a Itália com 50%, a Espanha com 46% e a Grécia com 49%. Com valores superiores só apareciam o Reino Unido com 72%, a França com 68% e finalmente a Dinamarca com a espectacular taxa de 84%.

Contudo, o trabalho das mulheres fora de casa não é, de forma alguma, uma realidade dos últimos decénios. De facto, já Henriques Nogueira denunciava há cerca de 100 anos atrás "... que o trabalho das mulheres ganhasse uma área mais vasta e que fosse melhor retribuído...". Para uma melhor constatação da realidade numérica refira-se que a indústria portuguesa de 1917 ocupava cerca de cinquenta mil mulheres, ou seja perto de 35% da mão-de-obra fabril.

Que não é de hoje que as mulheres trabalham fora dos seus lares, excluindo as zonas rurais, é de todo evidente. No entanto em quantos jornais e revistas não costumamos encontrar as pouco imaginosas frases como "as mulheres agora também querem trabalhar?".

Pode ser que a massa das mulheres trabalhadoras só a partir de uma época relativamente recente tenham começado a levantar problemas específicos muito próprios, que nunca se haviam examinado. Ou que se evitava examinar pelo menos com frontalidade e clareza.

Disso é exemplo o conteúdo do Regime Jurídico, do Contrato Individual de Tabalho, aprovado pelo Dec. Lei nº 49408 de 24/11/69, de que se destaca o seguinte em 3. alínea e) Trabalho de mulheres e Menores (?): "parte uma afirmação mais precisa do princípio da "igualdade de atribuição para a identidade de tarefas e qualificações", as demais alterações introduzidas neste tipo de trabalho, mas também a conveniente autonomização em capítulos próprios, das disposições destinadas a reger a actividade das mulheres e dos menores, dada a sua especificidade e independente fundamentação. Trata-se de uma alteração que, embora não apresente na aparência, grande significado, corresponde a uma aspiração legitimamente apresentada pelas interessadas e é justamente exigida pela boa técnica de sistematização das matérias, tendo em atenção a natureza dos interesses em presença..."

A igualdade de acesso e tratamento do trabalho e no emprego, só seria contemplada dez anos depois, num regime político diferente, pelo Dec. Lei nº 392/79 e no seguimento dos direitos cívicos que as mulheres foram conquistando, mesmo as menos informadas e indiferentes.

Nesse sentido, 1975 foi particularmente importante, pelo facto de ter sido o Ano Internacional da Mulher e ter testemunhado o aparecimento da Comissão da Condição Feminina, que mudaria de nome em 1991, para o de Comissão para a igualdade e para os Direitos da Mulher. Ainda no ano de 1975, muitas mulheres portuguesas surgiriam organizadas à volta de agrupamento como o Movimento de Libertação das Mulheres que tanta celeuma deu, do Movimento Democrático das Mulheres e das Feministas Revolucionárias. Mesmo dentro dos próprios partidos políticos surgiam organizações feministas.

Todos esses movimentos femininos comungavam do desejo de igualdade de direitos para homens e mulheres e lutavam contra a discriminação. Depois de um longo passado de humilhações e de subalternidade face à lei, as mulheres conseguiam, através da Constituição de 1976, atingir o princípio da igualdade com os homens, em todos os domínios.

Ainda que eleitora e elegível para os cargos públicos, ainda que com aptidão mais do que suficiente para o desempenho de funções superiores no Estado; temos que concordar que continua a não ser feita justiça à mulher portuguesa.

Os obstáculos à prestação cívica das mulheres continuam a estar, mesmo que discretamente, na vontade das oligarquias masculinas dominantes.

(Continua)

JORNAL FIGUEIRÓ DOS VINHOS

EMISSORA DE SUCESSO

A RÁDIO LITORAL DO CENTRO COM NOVA GRELHA DE PROGRAMAS

A Rádio Litoral do Centro, a emitir em 97,5 FM, a partir de Figueiró dos Vinhos, ocupa, hoje, uma posição de relevo no panorama das rádios que emitem no centro do País. Assumindo um projecto com características muito próprias, com clara preferência pela música portuguesa e com uma programação virada para o envolvimento e participação do ouvinte, cedo se revelou como um eficaz meio de divulgação publicitária.

O alargamento e a consolidação do seu vasto auditório foi um dos objectivos da sua acção no último ano, circunstância que lhe confere uma situação de privilégio na divulgação dos produtos e/ou serviços publicitários, garantindo uma gestão cuidada e eficaz dos seus propósitos comerciais.

A Rádio Litoral do Centro tem sede em Figueiró dos Vinhos e uma área de intervenção que se estende aos distritos de Castelo Branco, Coimbra, Santarém e Leiria.

Em apenas dois anos, a Rádio Litoral do Centro marcou definitivamente a Região. Fazendo da diferença e da complementariedade a sua razão de ser esta estação emissora tem vindo a colaborar no desenvolvimento da nossa terra, entendendo Figueiró dos Vinhos como um polo de desenvolvimento de uma região do interior europeu.

A Rádio Litoral do centro privilegia as componentes musical, informativa e de entretenimento. É essa mesmo uma das suas preocupações editoriais. O estreitar dos laços que a ligam à comunidade local continua a ser uma prioridade. A nova Grelha de Programas reflete isso mesmo. Novos Programas que vão ao encontro das expectativas e gostos dos ouvintes de todas as idades, a par da manutenção dos de maior audiência e que que são já uma referência no panorama radiofónico da região constituem a essência da nova Programação.

VIAGENS À MEMÓRIA

Depois de vinte e dois anos de residência contínua na região da Ganda, transferi-me com armas e bagagens para a cidade de Luanda, onde labutavam naturais do concelho de Figueiró dos Vinhos. Poucos conhecera até então.

Alguém me alertou para a viagem que o Dr. Henrique Lacerda estava a fazer a Moçambique para, em Nampula e a convite da numerosa colónia Figueiroense, ali residente, dignificar uma homenagem que ia ser levada a efeito a um ilustre conterrâneo que "por obras valerosas (sic)" merecia reconhecimento público. Foi, na qualidade de Presidente da Câmara que, nessa altura exercia, com aplauso quási unânime e grande dedicação.

Não o conhecia pessoalmente; minha mulher fôra colega de sua Esposa Doutora Maria Albertina, até ao 6º ano no Colégio de Figueiró dos Vinhos. Mas senti-me na obrigação de corresponder ao convite velado de quem me fôra relatar a viagem a Moçambique quási inserindo a ideia de que os figueiroenses de Luanda não podiam ficar atrás dos conterrâneos do Indico. Percebi a intenção e aplaudi-a tomando iniciativa de fazer telegrama para Moçambique fazendo o convite de escala em Luanda. Aceita de pronto mas faz questão de "saber" quem assina o telegrama de convite.

Fiz publicar em "A Provincia de Angola" um anúncio/convite para se esperar o Dr. Henrique Lacerda e compareceram os que, no momento, estavam disponíveis e logo ali se alinhava o programa de estadia do casal que todos desejavam cumprimentar e por ele tinham ânsia de saber notícias da terra e até de famílias. E levei o casal ao Hotel Turismo...

Luanda sem calor não é normal. Quarto de qualidade. Só que, pasme-se, o aparelho de ar condicionado avariara-se !!!

Podem imaginar a cara do empregado ao hotel ante a invectiva justa de uma falha imperdoável e inadmissível em estabelecimento de tal qualidade? Nunca relembrei com o Dr. Lacerda a figura e a cara do funcionário que por certo, nunca ouvira ou esperou ouvir uma lição de bem receber como a que levou naquele dia...

Entre um passeio pelos arredores de Luanda-Mabubas, volta por Catet a naturalidade do Dr. Agostinho Neto, primeiro Presidente de Angola, zona de terrorismo que não se vislumbrou; um almoço oferecido pelo casal Martim, ex-ajudante da Farmácia Vidigal cuja esposa proporcionou uma MOAMBA de bombó (farinha de Mandioca) que estava uma delícia ainda hoje lembrada e uma outra visita aqui e ali, chegou-se à verdadeira homenagem: — Almoço na Quinta Rosa Linda, frente ao mar com o aperitivo da beleza do local, a amenidade das sombras e o calor da recepção. Espantou-me que o Dr. Henrique Lacerda soubesse dar notícias das pessoas, muitas das quais não viviam na Vila, com pormenores recentes.

Foi uma feliz iniciativa a que concorreram com entusiasmo quási todos os Figueiroenses e os que não puderam comparecer, por motivo de afazeres inadiáveis, desfizeram-se em desculpas e com pena de não poderem aumentar o número de assistentes, que muitos eram.

Foi assim que conheci o Dr. Henrique Lacerda podendo apreciar ao mesmo tempo o seu agradável trato, a satisfação de poder conviver e dar a trazer notícias com um aprazimento de alma muito elevado. Paz à sua alma!

Lopes dos Santos

POSITIVOS e NEGATIVOS

A região que engloba os Concelhos do Norte do Distrito de Leiria, que formam o TRIÂNGULO, tem belezas naturais que merecem ser divulgadas. Com a abertura da ponte de Pedrógão "destapou-se" mais um panorama soberbo, que, há muitos anos, estava inacessível.

Cantam-se lugares e panoramas, climas e amenidades, que estão longe dos que podem oferecer Figueiró dos Vinhos, Pedrogão Grande e Castanheira de Pêra.

Cabe a cada um propagar as belezas da sua Terra...

Há poucos meses foi aberta ao trânsito a estrada que liga Figueiró e C. Pera. Pois já há locais em que as valetas estão arrasadas com terra para passagens e entulhadas com ramos de árvores que estorvam a passagem das águas dando em resultado que as chuvas quando cairem e se cairem vão correr para a estrada.

Abrirão brechas e logo após buracos dando origem, a breve prazo a prejuízos de toda a ordem.

São as centenas os automóveis com predominância de ligeiros que entram e saem de Figueiró pelo acesso Norte. Agrada este movimento mas passam a tal velocidade que é um perigo para pessoas e animais.

Existiu até há pouco tempo um sinal de redução de velocidade para 50 Km, que foi retirado e a estrada é separada por traço contínuo mas tal não evita as ultrapassagens a alta velocidade...

"CAIXINHA DE SURPRESAS"

Acto da entrega de uma das 10 bicicletas BMX 20 de um dos concursos de maior êxito da Rádio Litoral do Centro.

Ilda Simões, ladeada por Vitor Costa (Foto Melvi, um dos patrocinadores e Lina Freire (Rádio Litoral Centro)

Legislativas/95

Resultados da Comarca de Figueiró dos Vinhos

Freguesias do Concelho de Figueiró dos Vinhos

Freguesias	PS	PCTP/MRPP	MUT	PPD/PSD	UDP	PCP-PEV	PSR	CDS-PP	BRANC.	NULOS	ABST.
Aguda	250	7	5	676	4	14	6	49	9	17	29,6%
Arega	224	4	1	500	0	3	3	54	4	12	25,8%
Bairradas	209	4	2	231	0	1	2	15	2	11	29,8%
Campelo	165	3	1	124	1	5	0	7	0	10	27,5%
Figueiró dos Vinhos	913	12	8	1281	14	25	8	164	25	58	28,9%
Total	1761	30	17	2812	19	48	19	289	40	108	28,6%
Em 1991	1169	16	-	3786	-	36	29	128	24	155	24,9%

Freguesias do Concelho de Pedrógão Grande

Freguesias	PS	PCTP/MRPP	MUT	PPD/PSD	UDP	PCP-PEV	PSR	CDS-PP	BRANC.	NULOS	ABST.
Graça	184	4	2	464	3	2	2	20	2	12	34,4%
Pedrogão Grande	589	11	9	989	10	10	7	86	19	30	37,4%
Vila Facaia	178	2	1	327	2	5	3	15	1	10	24,6%
TOTAL	951	17	12	1780	15	17	12	121	22	52	34,8%
Em 1991	493	22	-	2292	-	32	14	79	20	60	33,8%

Freguesias do Concelho de Castanheira de Pêra

Freguesias	PS	PCTP/MRPP	MUT	PPD/PSD	UDP	PCP-PEV	PSR	CDS-PP	BRANC.	NULOS	ABST.
Castanheira de Pêra	1635	16	7	766	14	42	10	101	25	39	31,9%
Coentral	36	0	0	98	1	4	0	3	0	2	19,1%
TOTAL	1671	16	7	864	15	46	10	104	25	41	31,3%
Em 1991	1244	22	-	1284	-	68	18	50	30	69	28,9%